

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAI 8 A 14 DE DEZEMBRO DE 1975

Nº 23

CR \$ 2,00

ARQUIVAR



a força da comunidade
pag 6

voltam os pufs
pag 12

e as escolas continuam
pag 16

a história na voz de alceu
pag 10

décio
pag 2, 5, 7, 11, 13, 14 e 15



e o comércio , como vai ?
(pag 8 e 9)

Canto Chorado

"Ad Perpetuam Rei Memoriam"

Cena II — 19/11/75 — quarta-feira — 20 horas.

Ligam-se as luzes na colenda que fica feérica e iluminada.

Ouve-se o timpano e a seguir o chavão sacramental. Em nome do criador, está aberta a sessão.

E o Supremo Arquiteto, das alturas, ouviu, viu, sorriu.

O sr. secretário faz a chamada — 14 no picadeiro, oito p'ra cá, cinco p'ra lá. O fujão, entocado, nem p'ra lá.

Começa a pantomima, quer dizer a sessão.

— Presidente — (Em pele de Catão) — Está em discussão, como matéria prioritária, a fim de se acabar com o chinfrim do "Jornal de 2ª". O projeto de lei que criou uma Comissão Especial de Inquirição mandou a cuja contratar, (por 15 mil), um causador para escancarar as trampolinagens que estão consumindo todo o "milho" da velha Petronilha.

Arma-se o "baguncê". Protesta o grupo dos 5: o monstinho não pode ser apreciado no dia de hoje. É um membro da comissão que se encontra nos "status". Justamente o que mais entende do treco. Pedimos o fim da discussão...

Debalde! A arapúca tinha mesmo sido armada para pegar a oposição de calça curta e fôlego com que a coisa corresse sem "biá", como correu.

O busillis residia apenas em bolar a maneira de engabelar os jundiás com um arremedo de justificativa. Já que, ano antes, quando ainda não participavam dos vestais do erário, os "minigildos" dissipavam adjetivos desairosos em torno das licenciaturas administrativas. É imperativo — diziam — conjurar a situação para evitar o esculacho da rua. Todo o mundo nos ouviu dizermos fazer gente ver o sol nascer quadrado. Que venha-me!...

Soa o timpano. Pausa para os salgadinhos.

Sorradeira, reúne-se com 3 a comissão dos Romeu — dada a sua condição de confrade heterossexual — ficou de fóra, sem poder tussir nem mugir. A tudo acertado. Tartufo, à distancia, testemunha a inversão quando os três macaquinhos "dialogaram":

— Precisamos dar um jeito de abafar esse projeto ainda que para tanto tenhamos que fazer cara de quem não sabe. Que é que há... Já a temos feito por outras tantas vezes. — Que vergonha...

— Ora, vergonha. Essa, fazemos escapular o ladrão das conveniências. O que importa é merecer as "generosidades" do chefe. Amor, com amor se paga. Somos gratos. Enterremos esse cadáver que já está mal.

— Palavra, que eu tenho medo. Medo da boca do povo que de modo algum vai aceitar a marmelada. Toda gente sabe que estamos na marmitta.

— E daí? Que nos dava o povo quando estavam ao seu lado?

Soa o timpano.

— Presidente - Reaberta a sessão.

— Líder — Não importa o que o povo pense — fôlego...

— Presidente — No projeto ou no povo?

— Líder — Tanto faz dar na cabeça como no pescoço.

— Presidente — Em votação... 8x5 — arquivado.

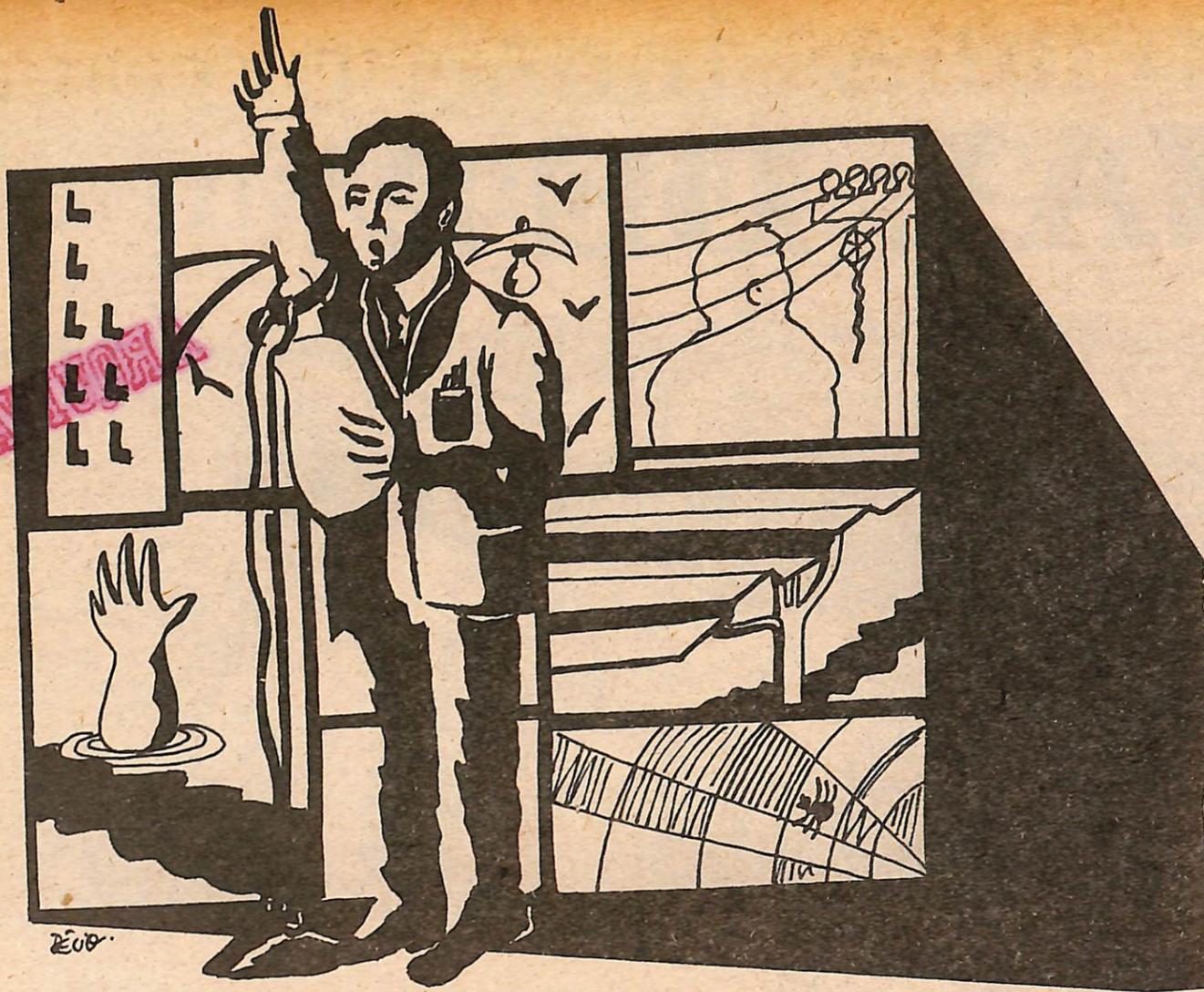
Apagam-se as luzes na colenda.

"É finita la comédia".

Certa vez três macaquinhos fizeram uma comissão p'ra acabar c'os maroteiras Meter gente na prisão...

Um ano foi decorrido Dos cujos findou-se a grita Por incrível que pareça Estão os três na marmitta.

Simão



"Velas efêmeras"

Nossa frota era composta de um Austin A-40, ano 1948, azul, e um caminhão Chevrolet Tigre, não me lembro o ano de fabricação, nem a cor.

O Austin carregava 4 pessoas, latas de cal e brochas e rodava durante as madrugadas, parando ora em frente da Vigorelli (onde alguns dos nossos estavam trabalhando junto à maioria, que nos era contra: "Eles tão virando, guenta mão que eles tão virando"), ora em frente a Argos e outras fábricas da Vila Arens ("Aqui vai ser duro, a mulherada tem uma liderança firme").

O Chevrolet, com uma tela de pano, o equipamento de som e o projetor de "slides", andava e parava pelos bairros mais distantes, os irônicos Jardins, servindo de palanque e palco para o nosso "cineminha" ao ar livre.

O caminhão saía lá pelas 6, 6 e meia da tarde e percorria dois ou três bairros por noite. Estacionava, a gente montava a tela e o som, ligava o projetor na casa de alguém de boa vontade e começava o espetáculo. Primeiro, os candidatos e vereadores, um ou outro líder do

bairro, o candidato a vice-prefeito e, finalmente, o candidato a prefeito — molecão de 26 anos, sem tarimba, mas falando coisa séria.

Nem bem ele começava seu discurso (palestra, nem discurso) e dois de nós corriam para os postes, munidos de varas com um pano preto nas extremidades, improvisando abajures que escureciam um pouco a rua. Na cabine do caminhão, outro cara da equipe ligava o projetor de "slides", focalizando cenas da cidade (ruas abandonadas, passagens perigosas próximas aos trilhos das ferrovias, obras em mau estado de conservação, falta de abrigos nas paradas de ônibus, crianças sem lugar para recreação...), enquanto o candidato a prefeito explicava que soluções poderiam ser dadas, a curto, médio e longo prazo: era um arquiteto falando.

"Arranquei matinho. Arranquei matinho" era o coro quase que invariável da molecada do bairro, arisca, cara safada, cantando um hip-hurra às avessas, insuflada pela gente dos outros candidatos. Mas aos poucos as vozes do coro rareavam e todos, crianças e adultos, iam

prestando atenção ao "cineminha", identificando os lugares, cochichando "tem razão" ou aprovando em silêncio os fatos mostrados. Apenas em um bairro (que não me lembro qual) alguns tomates foram atirados, assim que a luz dos postes diminuiu. Nos demais, o povo ouvia em silêncio, chegando a haver alguns aplausos, terminada a fala do candidato.

Essa tournée durou mais de um mês, até culminar com o comício de encerramento, em palanque de verdade, na praça da Matriz.

O jovem candidato já se articulava melhor, falava alto, bradava, seguindo talvez a lição do seu companheiro de chapa, o candidato a vice-prefeito, homem tarimbado de muitas lutas, macaco velho de tempos velhos em que falar contra era crime, caso de polícia. No entanto, apenas dois meses separavam o moço arquiteto e sua fina clientela daquela povão da praça. Apenas sessenta dias, não mais que isso, e o sempre-primeiro-aluno se transformava no postulante-sem-muita-

chance à chefia do município.

Lá longe, encostado na porta da Casa Trevo, separado do palanque pelo povão e por sua natural vocação para "off stage man", mão esquerda enterrada no bolso da calça muito larga, mão direita alisando os escassos fios de cabelo na careca, estava o bruxo, autor dessa metamorfose, dessa candidatura. O homem que, sessenta dias antes, ouvindo nossos esbravejamentos durante uma acadêmica discussão do "status quo", disse simplesmente: "por que vocês não se candidatam?"

Mas como, se as eleições estavam ali? Que chances haveriam, diante de um candidato que há oito meses realizava marchas de bairro? E outro, apoiado pelo efervecente fanatismo janista, recém-nascido? Seria loucura, não tinha cabimento!

"É preferível acender uma vela, do que reclamar da escuridão", falou o bruxo Nicolino De Lucca.

Puxa, que falta ele faz!

Erazé Martinho



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**
IMPRESSOS
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS

Composições Linotipográficas

Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2ª FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula
Capa: Duto
Ilustrações: Décio Denardi
Oficinas Impressoras: "Cruzeiro do Sul"
R. de São Bento, 245 — Sorocaba
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

Concorrências Públicas - VIII

Uma de cabo de esquadra

De 26 de fevereiro a 2 de março de 1973, a firma G. Sampaio Assessoria de Negócios Ltda., ofereceu-se para prestar serviços de auditoria e planejamento econômico à Prefeitura e conseguiu o contrato. De cara, examine-se o nome da empresa **Assessoria de Negócios**.

Em 1/3 o Prefeito convidou-a para comparecer à Prefeitura. No dia 2/3 o contrato estava assinado no valor de Cr\$ 1.000.000,00 para elaboração de um programa econômico-financeiro e administrativo, incluindo estudos e análises da execução orçamentária e administrativa e dimensionamento da capacidade de endividamento. Em 7/3 já tinha ordem de pagamento de Cr\$ 400.000,00, sendo a nota fiscal de 8 do mesmo mês e o seu número nº 9.

Numa velocidade tal, da oferta ao pagamento que dá complexo a qualquer "cobra" em cibernética e outros bichos. As três peças iniciais do processo 2062 de 1/3/73 são: — carta da empresa, carta do Prefeito e o contrato. Não houve licitação, nem as precauções necessárias para contrato sem licitação. Não constam do processo informações, relação de serviços já executados, parecer sobre a notoriedade, despacho do Prefeito autorizando a dispensa de concorrência. Não há qualquer referência à especialização da empresa.

Vejamos: — Um profissional ou firma especializada só poderá ser contratado para

prestação de serviços, sem concorrência pública, quando o serviço assim o exigir e se provar **notória especialização**.

Assim entendem os Tribunais de Contas da União, do Estado, do Município de São Paulo e ainda o Departamento do Material Bélico do Exército (Portaria 1/75).

Vamos, todavia, nos utilizar das palavras do próprio advogado da Prefeitura para questões de maior importância, Dr. Hely Lopes Meirelles, constantes do seu livro LICITAÇÃO E CONTRATO ADMINISTRATIVO.

"Notória especialização" é o reconhecimento público de alta capacidade. Notoriedade profissional é algo mais que habilitação profissional".

"São serviços de alta especialização e de conhecimentos pouco difundidos entre os demais técnicos da mesma profissão".

Pois bem. A firma G. Sampaio Assessoria de Negócios foi contratada para um serviço comum, não inedito, para o qual existem inúmeros profissionais ou firmas plenamente capazes de executá-lo. A começar por vários funcionários da própria Prefeitura Municipal. Portanto, gastou-se um dinheiro sem necessidade e contrariando a lei que exige solicitação.

Aliás, pelo processo a firma não era sequer entendida no assunto e deve ter contratado um técnico para executar o serviço.

Nessas condições a Prefeitura contratou, **sem licitação**, empresa que apenas agenciou o serviço.

Para isso recebeu, adiantadamente Cr\$ 400.000,00. Sabem qual era o capital da firma? Cr\$ 10.000,00, posteriormente reduzido para Cr\$ 5.000,00. Os senhores leram o nosso último artigo? compare-se outro serviço contratado por Cr\$ 2.000.000,00, para o qual se exigiu capital de Cr\$ 7.500.000,00 só porque se fez concorrência e havia muita gente de Jundiá em condições de se habilitar. (cala-te boca).

Cai bem ainda alguma coisa do ilustre professor Hely Lopes Meirelles.

"A dispensa de licitação, para esses serviços, depende, portanto, de duas condições: 1a) que o serviço seja realmente **técnico profissional especializado**; 2a) que a empresa ou o profissional escolhido seja de **notória especialização**. Serviço técnico profissional especializado, já o dissemos, é o serviço que exige, além da habilitação profissional pertinente, conhecimentos mais avançados na técnica de sua execução, operação ou manutenção.

Esses conhecimentos podem ser científicos ou tecnológicos. E acrescenta: "a notória especialização que dispensa a licitação, é a de profissionais ou firma reconhecidamente capazes no campo de suas atividades e que notoriedade não se confunde com habilitação profissional".

Ora, a firma não provou nem habilitação profissional, quanto mais notoriedade. E

notoriedade é fácil de ser comprovada, tem que ser proclamada, é pública, como é a do competente Dr. Hely Lopes Meirelles. Este, pode ser contratado sem licitação.

Como dissemos a firma não demonstrou nem mesmo que seus membros tinham habilitação profissional, nem que já tinha executado serviços outros no campo específico. Apenas juntou seu contrato social depois de ter recebido os Cr\$ 400.000,00 adiantados e assim mesmo para levantar o Imposto de Renda retido na Fonte. E se provasse, ainda assim os serviços exigiam concorrência pública, a exemplo do que fez o governo anterior, Dr. Walmor Barbosa Martins.

Pelo contrato social os sócios eram do **comércio** e não profissionais habilitados no campo de atividades no qual faturaram uma nota. Como bom comerciantes fizeram o que lhes cabia fazer, incluíram uma cláusula contratual autorizada a subcontratação do serviço. Levantaram um milhão de cruzeiro que deveria estar sobrando na caixa da **Petronilha** (licença, Simão) e mandaram calmamente outro fazer o serviço, que por sinal tinha mesmo a finalidade de provar que a Prefeitura Municipal de Jundiá possui uma ótima capacidade de endividamento.

Que tal? Depois dessa, só mesmo dando com gato morto, no dia 13, sexta-feira, meia noite, escura e que seja bem fedido.

que ainda vão ser engajados ou se estes agravarão ainda mais a sobrecarregada economia municipal.

Isto dito, vem-nos a mente uma pergunta que oxalá nos traga resposta tranquilizante-ha ocasião oportuna: Como se haverá o sucessor do sr. Ibis Cruz diante desse quadro suplementar de funcionários desnecessários ao serviço municipal?

Se o mantiver, estará permitindo a continuidade de um esbanjamento imponderável do dinheiro público; se o dissolver estará criando um problema social com a dispensa em massa de dezenas de funcionários disponíveis.

Mas, vai ter que fazê-lo atendendo ao interesse do município e maximé porque as admissões que o prefeito vem fazendo "pro domo sua" não se configuram como encargo vitalício da municipalidade.

Não obstante, o ato se deverá revestir de profundo aborrecimento a quem couber executá-lo.

Elcio Vargas

Quem é contra o Sistema Viário?

Um colunista local comentou, recentemente, as críticas que vêm sendo às obras do Sistema Viário. Argumentou que não vê motivo para tais críticas, pois o atual prefeito está apenas executando planos elaborados em gestões anteriores e considerados então bons para a cidade.

O que causa estranheza não são as críticas ao Sistema Viário. E a posição de tal colunista. Será que ele:

- não tem lido tudo o que foi comentado sobre as obras em questão? e, se não leu, não tem sentido opinar a respeito;
- ou leu e não entendeu, o que parece absurdo, pois o assunto vem sendo tratado com o máximo de clareza e objetividade;
- ou não quer parecer que entendeu?

De qualquer forma, não custa repetir. Ninguém é contra o Sistema Viário. Todo mundo reconhece sua necessidade e importância para o desenvolvimento de Jundiá. O que se poderia discutir são os aspectos de prioridade na sua execução. Quais as vias que deveriam ser atacadas com mais urgência? Quais os trechos que devem ser acabados completamente? Quais aqueles que poderiam, por ora, ficar limitados às desapropriações ou à abertura em terra, continuados dentro de um programa futuro de trabalho, de acordo com o crescimento urbano? Tudo dentro do sagrado princípio de que os escassos e preciosos recursos públicos devem ser aplicados de forma a render um máximo de benefícios e de conveniência para a coletividade.

Mas essa discussão sobre a prioridade das obras, apesar de sua importância, tornou-se secundária. Foi obliterada por um outro aspecto que, infelizmente, adquiriu uma triste relevância na história destas obras: a forma pela qual elas vêm sendo feitas, dentro de um contrato profundamente lesivo aos interesses do município.

Se o colunista em questão tiver algum interesse pelo assunto — e todo o cidadão digno deste nome não pode se alheiar a problemas desta natureza, em que a coisa pública é atingida a fundo — não é difícil informar-se a respeito. Leia, por exemplo, o relatório dos técnicos da Arena, que dissecaram o processo da concorrência do Sistema viário. Procure conhecer o parecer da Comissão Especial de Inquérito da Câmara Municipal, constituída para examinar a questão e que concluiu pela "lesividade de tal negócio para o patrimônio municipal". Verifique todos os dados apresentados pelo nosso semanário nas várias vezes que abordou o assunto. Não poderá deixar de perceber, então, a triste evidência: Todos os serviços que vêm sendo feitos no Sistema Viário foram pagos a preços absurdamente caros, drenando de forma violenta os cofres municipais. Como a escavação de terra, por exemplo, que está custando quatro vezes mais caro que os preços normais. Ou este concreto asfáltico que vem sendo derramado sobre a cidade, cobrindo-a de luto, e que foi cotado pela Gutierrez, na concorrência, a Cr\$ 520,00 por m³, contra apenas Cr\$ 300,00 dado pela firma Firpavi.

Será que ficou claro, agora? Dá para perceber o custo a mais destas obras? Entende-se que o que está errado não é o Sistema Viário? E o colunista, o que acha disto tudo?

Mais "chupetas" na Prefeitura

Pelo que fomos informados, o prefeito Ibis Cruz prepara nova sangria aos cofres municipais através da elaboração de um projeto de lei dispendioso sobre o que se chama de "reestruturação do quadro do funcionalismo".

Não se sabe quantos cargos serão criados agravando cada vez mais as sobras da receita que já não dão para atender, sequer, a conservação das vias públicas juncadas de buracos e sujidades que tornaram esta cidade a mais porca e feia entre as que mais o sejam.

E da sabedoria popular que, se escoimados do rol do pessoal as dezenas de comissionados e até mesmo os "concursos" que o sr. prefeito engajou na folha de pagamentos da Prefeitura, os serviços burocráticos se exercitarão com muito mais regularidade, isso porque, aos antigos, a quem em verdade pesam os ônus da tarefa, não se imporia a incômoda presença dos "chupetas".

Estes, como o povo todo sabe e vozeia, corporificam

uma espécie de quadro suplementar e atuam mais como serviços do prefeito de que propriamente como servidores municipais.

Um panorama nítido dessa assertiva teve-se por ocasião da Convenção que elegeu o diretório da Arena, quando os "chupetas" quais fleis rafeiros, farejavam no seio dos eleitores os prosélitos que pusessem garantir a posição política do seu chefe. De outro lado, exvereadores que não tiveram legenda nas eleições de 72, atrelados ao carro da docilidade, lambem-lhe os sapatos malgrado a excomunhão que antes desabavam por cima de sua cabeça, o mesmo acontecendo, outrossim, com certo melifluo cujas "afinidades" o levaram à condição de eminência parda dessa administração perdulária. Pois bem. Como se os que já não bastassem, nova leva de "chupetas" será aquinhoadas com a "reestruturação" que aí vem.

Afirmamos "a priori" que aí vem, pela certeza que temos

de que o respectivo projeto não encontrará na Câmara um mínimo de resistência, afóra os três edis da oposição e as duas honrosas exceções da Arena, o que vale por u'a minoria sem condições de impedir a sua aprovação.

Quantos mais forem os cargos a criar, tantos mais serão os apetites satisfeitos.

O projeto será aprovado, não resta a menor dúvida.

O obvio o atesta.

Para perplexidade dos leitores foi inserido no último número desta folha um quadro demonstrativo do que era, do que é e do que será, em 76, o volume das despesas com o funcionalismo, o qual pedimos venia para reproduzir.

Em 1973 = 11.700.000,00
Em 1974 = 14.600.000,00
Em 1975 = 21.100.000,00
Em 1976 = 37.200.000,00

Como se conclui, está previsto para o ano que vem, um aumento de 16.100.000,00, na despesa dos funcionários.

Aqui ocorre saber se nessa absurda majoração se inclui os

ZONA FRANCA

O leitor escreve, comenta e opina

CONCERTOS DE TV, RÁDIOS E TAPES ELETRÔNICA ANZOLIN

rua marechal, 533
telefone: 6-7683

causas cíveis e criminais DRs.

LAERTE DE FRANÇA
SILVEIRA RIBEIRO
MARIO PEREIRA LOPES
barão, 1041, 2º a.
fone: 4-3566

Escritório de Advocacia

dr. ademécio lourenço
dr. alcimar a. de almeida
dr. francisco v. rossi

RUA SIQUEIRA DE MORAIS, 578, 1º ANDAR
EDIFÍCIO MARIJU

NOVIODES
Charme
CALÇADOS
ROZARIO, 626

MUDANÇA?
IRMAOS VIEIRA
TRANSPORTAM MELHOR
1000
FONES: 4-0229 - 6-5086

XEROX
também é com o **FOTO ZEZINHO**
ROSARIO, 523 - FONE 6-3795

BENEFICENTE DE OFICIAIS DO EXERCITO
BOEM
GRÊMIO REPRESENTANTE LOCAL

RUA PIRAPORA, 410 - VIANELO

advocacia trabalhista e comercial
DR. ANDRÉ BENASSI
DR. RANDAL G. GARCIA
barão, 873
fone: 6-2936

CARTA ABERTA

Sr.: Há poucos dias, quando estava, em companhia de meu marido e de minhas duas filhas, fazendo compras de frutas e verduras no Centro Comercial Bandeirantes, verificamos — para nosso espanto — que o único sanitário ali existente, e, construído com a finalidade de servir aos proprietários de boxes daquele mercado de frutas e legumes, está sendo usado, indiscriminadamente, não só pelos comerciantes (que para isso tem seus direitos assegurados), como também, por todos os funcionários da Divisão Médica do I.N.P.S. (instalada na parte superior daquele Centro Comercial, e, o que é absolutamente inconcebível numa cidade como, a nossa, até mesmo pelos doentes que procuram os serviços médicos do I.N.P.S., que, como já escrevi acima — mas é

bom que eu repita —, ficam instalados na parte superior daquele Centro Comercial Bandeirantes.

Leitora assídua e admiradora do J.2., que sei, está empenhado no firme propósito de ser, antes e acima de tudo, um órgão de utilidade pública, amigo e defensor da população junjalense, peço, na qualidade de assinante e leitora, que esse semanário indague às autoridades competentes, que, à essa altura dos acontecimentos, onde é que fica e como é que fica, o nosso Centro de Saúde. E, onde é que fica a Secretaria de Saúde, Higiene e Bem-Estar Social de Jundiaí.

Esperando que os senhores dêem acolhida a este meu apelo, aguarda, certa da atenção de VV.SS., que as autoridades competentes respondam às perguntas que lhe foram formuladas.

Victoria A. Menescal

PERGUNTAS INDISCRETAS, PORÉM NÃO SEM URGÊNCIA

Meu prezado conterrâneo JAIRO SILVESTRE DOS SANTOS:

Pena que os confrades do "Jornal de 2ª" não tivessem dado maior destaque à sua carta.

Além do alto significado do seu objetivo, ela vale por um empurrão nos omissores. Nos que não fazem questão que o barco afunde desde que nele não estejam os seus interesses mais mesquinhos.

Infenso a louvaminhas, seja em troca do que for, apesar disso, não posso deixar de reconhecer em você um camarada de atitudes desassombradas por atos que presenciei quando o conheci na gerência dos negócios fazendários da municipalidade.

Agora, acabo de ler a sua carta que veio em busca da

verdade. De uma verdade que todos queriam desvendar, desde que, como se diz na gíria, houvesse uma pauta de gato para torar a castanha do fogo.

Você obteve a resposta pretendida e com a perplexidade que caracteriza o cidadão bem formado deve ter-se incorporado àqueles que se propuseram a uma luta sem quartel contra a imoralidade.

Se a lei não cerceia certo tipo de negócios, não impede, outrossim, que a vergonha, a moral e a dignidade o condenem.

Receba os meus cumprimentos por ter ensinado ao povo o conhecimento dessa tratanhada que se perpetrou no setor industrial, a par de um abraço.

Do ex-corde
JOÃO DA TERRA

SEMANA DA BÍBLIA

Sr.: — Comunicamos a esse digno órgão de imprensa que o Conselho de Pastores de Jundiaí, cujo presidente é o Rev. Sylvio Cardoso de Oliveira, pastor da Igreja Metodista local, vai comemorar a "Semana da Bíblia", de 8 a 14 do corrente, apresentando Bíblias, Novos Testamentos, porções outras da "Santa Palavra", que poderão ser adquiridas em uma barraca a ser montada na Praça Marechal Floriano Peixoto (atrás da Matriz). No dia 14,

domingo, "Dia da Bíblia", das 15,30 às 17,30, no mesmo local, as comemorações se encerrarão com uma concentração vernal das igrejas evangélicas, com pregação alusiva à data, a ser feita por dois irmãos especialmente convidados. Para todos os atos, é convidado o povo desta cidade, cuja presença muito prestigiará a promoção acima.

Gen. Rl Julio Canrobert
Lopes da Costa
Secretário do Conselho

SER GENTE

Aqui, onde nada se cria, tudo se transforma; aqui, onde alguém muito sábio nos ensinou o que fazer para não passarmos nossa vida em branco, apesar de tudo encontramos indivíduos de todo tipo:

Os pobres de espírito, que encontram a cada instante um motivo para se lamentar;

Os sádicos, que na primeira oportunidade se fazem passar por vítimas para desmoralizar o próximo;

Os ricos, que possuem sempre motivos para que tudo sejam momentos de entusiasmo;

Os inteligentes, que não aproveitam tal condição para se realizarem;

Os esforçados, que não possuem carga antiga, mas que lutam para vencer não medindo tempo e força de vontade;

Os medlores, que usam

de todos os argumentos e artifícios possíveis para poderem construir uma mediocridade;

Os heróis, que procuram argumentos para ganhar quem sabe um "Aleluia" pela simples satisfação de concluir mais um seu capricho;

Enfim, as pessoas que são gente.

Que se calam ao ouvir um conselho.

Que usam da calma para ensinar a seu próximo o pouco que conhece.

Que usam de si para prevenir algum dissabor de seu próximo, mesmo com o risco de prejudicar-se a si próprio, porém sem pensar em gloriar-se com isso.

Gente é tudo o que se pode dizer de uma pessoa que ama a vida, que ama as flores, que ama a criança, que ama a si

mesmo. Que ao olhar, ao sorrir, ao falar, consegue transmitir paz, tranquilidade, segurança ao próximo; que consegue transmitir valor à vida.

Gente é todo aquele que compartilha da tristeza e da alegria do seu próximo.

Gente é aquele que ampara, que diz o que sente, que analisa o que ouve, que mostra o caminho certo a quem o procura, sem deprimi-la, sem fazer com que esse alguém se sinta um inútil.

Gente, gente mesmo, procura reanimar uma batalha quase perdida, mostrando que na vida todos lutam, todos caem, poucos se levantam e que, para levantar-se, não se necessita de u'a mão, mas sim o valor de si mesmo. Vive, não aceitando como favor o viver, mas, sim, conquistando cada momento de vida.

Beth de Paula

A DISCIPLINA DO SILÊNCIO

Pela palavra o homem é superior aos animais; pelo silêncio é superior a si próprio.

Não se chega à verdade com palavras, mas com gritos ou discussões. Todo aquele que procura impor a sua opinião não raro o faz através de intermináveis cavaqueiras, sem se ater ao imprescindível raciocínio que preside os meios concisos e nos conduz à verdadeira razão.

A disciplina do silêncio foi um dos grandes baluartes em que se escudou a Escola Pitagórica onde jamais fora permitido a qualquer aluno, sob qualquer pretexto, se manifestar com palavras enquanto não houvesse transcorrido três anos do seu noviciado.

A propósito do assunto que nos ocupamos não poderíamos omitir um ligeiro destaque da bagagem literária daquele que respondeu pelo nosso segundo Império, D. Pedro de Alcântara:

Muito vence quem se vence, / muito diz quem não diz tudo, / a um discreto pertence / em tempo tornar-se mudo.

No silêncio encontramos o aconchego para as nossas reflexões, dando oportunidade as idéias para que amadureçam e se clarifiquem sob o influxo da verdade. Contudo, a arte do silêncio é uma arte complexa, pois não se funde apenas no sentido de calar a palavra exterior, mas sim também fazer com que ele se cale interiormente.

Cada palavra proferida é uma evocação, cabendo a quem a emite a influência inicial, devendo esta ser prevenida muito antes que se pretenda dar-lhe corpo para alcançar o objetivo determinado.

TEMOS QUE DAR CONTA DE CADA PALAVRA INÚTIL.

Em oportunas afirmações ou negações conscientes podemos nos conduzir à percepção da verdade, porém, forçoso se torna que a estas seja dado o tempo necessário para que o raciocínio exerça o seu trabalho de torná-las conscientes e oportunas.

As impressões dos sentimentos de intenção são resultantes de idéias consolidadas por pensamentos que se projetam na mente humana e ali se corporificam ou se anulam e para que tal suceda, mister se faz que se lhes dê o tempo suficiente para as necessárias considerações em abono das consequências. Com ponderação alcançamos o domínio absoluto da vontade, governando o pensamento, objetivando-o nas proporções do mérito ou demérito, antes que se cristalice através da força da palavra.

SABER CALAR NO MOMENTO OPORTUNO NÃO É MENOS IMPORTANTE DO QUE SABER FALAR.

Na maioria as opiniões que se manifestam participam de diferentes medidas de erros e de verdade e "como jamais se poderá aplicar uma separação tão perfeita que se consiga dividir o erro e a razão, de tal maneira que a RAZÃO só tenha razão e o ERRO só tenha erro", temos que convir que uma atitude precipitada através da imposição do palavreado extenso e inoperante será bem mais inconveniente do que o SILÊNCIO MEDITATIVO.

A guiza de complemento do assunto que nos ocupamos, vamos nos ater a um fato de que se ocupou a nossa Academia Brasileira de Letras em sua recepção a um eminente prosador e dominador de diversas línguas:

Tendo o mesmo se conduzido no sentido de apenas saudar os nossos imortais com ligeiras palavras, agradecendo-lhes a nimia gentileza de que lhe fora alvo, passando a recolher-se no absoluto silêncio durante o tempo em que se processaram os trabalhos, logrou promover uma insatisfação entre os seus pares, dando oportunidade a que um deles, talvez o mais insatisfeito, assim se pronunciasse: "dado ao silêncio com que nos obsequiou o nosso ilustre visitante, vejo-me na contingência de regatear os GRANDES MÉRITOS que esta casa teima em atribuir-lhe" no que foi apartado por outro acadêmico:

Grandes Méritos, eminente colega! grandes méritos ha de se atribuir, sem dúvida, ao ilustre confrade que com sua presença honra esta casa!"

"Todo o seu valor não se condensa apenas na razão de saber expressar-se em 10 idiomas, mas sim no inegável valor que o glorifica em saber calar-se em 10 idiomas!"

E aqui ficamos com a pretensão de haver dito algo sem muito nos alongarmos, é o que julgamos, SALVO ERRO OU OMISSÃO.

Era u'a manhã calorenta, depois do almoço. Meu irmão, "reiva" das grandes, zoiado de amolado porque tinha comido quibebe à muque. Em casa era assim como a mãe dizia:

— Pônhô na mesa, tem que comê! — e comia mesmo.

E meu irmão ia pro terreiro, fulô, chutando tudo e resmungando:

— Mardito quibebe! (mardito era nome muito feio, carecia falar baixo se não, o chinelo...)

Dia claro, solão de "rachá" mamona, as cigarras de guelas abertas no seu cré cré nhiii... ardido de doer; na embauva prateada um bem-te-vi buliçoso piava o seu vatergueite do sertão. Não sei onde, lá pros lados do campo de guabioba, "sicondido" de tudo, um fogo-apagou cantava o seu chamado de chuva. Ali pertico na cerca, um tiziu saltava estralejando as assas em cada trinado que dava. O cantar triste do sem-fim nos chegava macio do meio da filharada da arvona de cambuci. Lá do grotão subia o canto musicado do inambú, flautista de marca, lindeza assim tá pra se ouvir melhor. Em dia assim logo mais se ouviria a araponga no seu retinir mais doido, junto com o urutáu estralando que nem taquara-póca. E o sabiá-laranjeira,

danado de chorão ao anoitecer, que beleza-ra? Meu pai proibia a caça, era amigo da passarada, ai de quem se atrevesse a incomodá-los que fosse!

Nosso mataréu tava assim — junte todos os dedos das mãos — de jaó, urú, jacú, galinhame que não tinha mais fim; olhando pra riba então era só bicudo, pintassilgos,

canários-da-terra, João-de-barro. Eu quase que os conhecia um por um, rolinhas ciscando na estrada, tico-ticos e papacapins, eu me juntava ao meu pai na proteção de todos eles. Minto: De todos não que tinha daqueles uns qu'eu não gostava, não podia nem ver.

Eram uns danados que acompanhavam a gente no plantio do milho; a gente ia na frente, jogava tres grãos na cova e enterrava-os c'ô pé. Os danadinhos dos tais vinham atras, logo ali mesmo, pertico do plantador, ciscavam a cova, desenterravam os grãos, papavam-nos e não havia o que chegasse! Bando deles. Eu vou dizer o nome deles, é nome feio de se ouvir, então mecê leia tapando os zovido; eram os tais de virabosta. Vá comê milho assim... nunca vi, era demais. Meu pai dizia bonachão:

— Num ligue pr'eles. Vá pratano. Os passarinhos tamem são criatura de Deus!

Mas quando o velho distraia, torrão nos tais! Por que quando o milho garrava a nascer tinha que se replantar uma eitada de chão! Trabalho feito, trabalho desfeito. Mas eu tava falando daquela manhã calorenta. No meio de toda aquele bulha sonora do meu sertão, um barulho mais desajeitado, diferente, começou a aparecer no ar.

Antes do barulho vir, já se percebia que coisa diferente tava acontecendo, por que, de repente, fomos incomodados pelo silêncio da passarada. Forante as cigarras, nem um pio se ouvia. Aquietou-se o bem-te-vi, o sem-fim calou seu assovio triste, o tiziu sumiu, o fogo-apagou emudeceu, o inambú guardou sua flauta, o silencio esvaizou nossos ouvidos.

Meu pai parou de

O tomove



encipoar a cerca de bambú, meu irmão Lesma deixou de cuspinhar o gosto do quibebe, parei de arear os latões de leite, minha avó saiu na varanda, o resto da família, todos de "zoio e zoreia" ponhano sintido no silêncio, até que meu pai resmungou:

— Levô quem trôxe, já i vem vino!

Dizem que no Brasil não há e nem houve dialetos. Pois corto meu papo se a moçada entender o falar cai-pira, bem falado.

— É, a baruiera tá i, será isso meu Deus? A mode qu'estão sortano traque! disse minha mãe.

De fato, um rá-tá-tá desusado vinha lá da subida das almas,

antes da porteira. Mas logo adivinhamos o qu'era. Era um "tomove" coisa difícil naqueles ermos; e apareceu luzindo na porteira.

Vamos falar da porteira? Porteira engraçada, inteligente. Abrindo pra passar só uma ou duas pessoas ela fazia nhééé... Se fosse um cavaleiro, tinha que abrir mais, então ela fazia nhééé... nhiii... Se fosse aberta inteiramente — carro de boi ou charrete — era nhééé... nhiii... (pausa) nhóóó...

Pois naquele dia nem nhééé, nem nhiii, nem nhóóó que o barulho do tomove não deixava que se ouvisse nada. Passando pela porteira o tal veio

vindo roncando e dando uns estralos. Entrou no terreiro; era um chevrolet 1928, brilhando de fazer gosto. Chevrolet "cabeça de cavalo". Lustroso. Meu irmão o Lesma e eu garramos a discutir:

— O tomove se chama chevrolet.

— Que chevrolet que nada! É chevolé.

— Qué apostá? Disse eu — meu bodoque contra o seu estilingue?

— Tá certo.

Fomos perguntar pra minha vó. Resposta: Chevolé.

Ninguém ganhou. Onde a vó sabia tanta coisa? Ora, o almanaque "Eu sei tudo". Mas voltamos ao "tomove". Parou, resfolegou, silenciou. Ficou no ar aquele barulhinho de vapor na tampa da frente espelhada, era vê uma "casa de abelha", a tal colmeia do radiador. Andamos em volta daquele bicho mais de hora e meia.

— Não me ponhem a mão nisso! recomendava o pai.

Aquela coisona lá na frente parecia espelho, e queimei a mão no tal "favo de abêia". Aí meu irmão lembrou:

— E o home que veio aguiando o tomove? Bamo vê ele? Entramos. O tal era um "home" alto, branco com cabelo em volta da cabeça e calva em cima do côco. Gente sem cabelo era meio novidade, na roça, onde o problema era cabelo demais. Meio novidade, porque já tinhamos visto fotografias no almanaque. E aquele um tava falando:

— Sou ornitologo. Soube que aqui há muitas aves e vim estudá-las. O senhora pode me dar pensão?

E meu pai: — Quá o que, mecê num me dá pensão nenhum.

Porque "pensão" em lingua cabocla é como preocupação. Fulano dá muita pen-

são — que queria dizer: Fulano me preocupa muito.

Carecia que o homem explicasse melhor, e ele o fez:

— Não é isso. Estudo passarinhos e quero pousar e comer na sua casa. Pousada e comida. Eu pago. Entendeu?

— Mecê fais o que?

— O ornitologo. Estudo passarinhos.

— Ess'agora! Om'essa! Estuda passarinho! E que pagá pra sê meu hospede? Comê memo vosso nome?

— Jonathan.

— Pois é seu Jona, mecê intão qué istudá anú, carapinhé, bigodinho, baitaca, juriti?... todos ele?

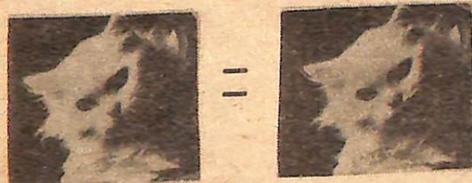
— Todos não, que alguns eu conheço. O anú por exemplo... E foi falando. Como não lembrava mais nada do que o tal de Jona falou, fui na Casa da Agricultura pra ver se os tais conheciam o assunto, pr'eu poder escrever esta estória. Não é que os tais sabem? São todos aluados que nem o tal de Jona! Pois então, o Jona falou assim:

— ... o anú por exemplo é da ordem dos cuculiformes e vivem em ninhos coletivos. Muitas fêmeas usam ao mesmo tempo um ninho só e chocam coletivamente; os machos, alimentam as fêmeas durante o chôco e os filhotes nascidos, tudo coletivamente. O anú branco as vezes por engano alimenta filhotes pretos e não dá pela coisa...

O tal Jona era capaz de falar a vida inteira só de passarinho. Quanto aprendemos com ele! Falou de arapongas, tucanos, bico-de-lacre, xexéus... Depois eu conto o resto. Prá chegar por hoje, deixe-me lembrar-lhes que os maus políticos da vereança são como os tais viras: Enquanto mecê planta eles colhem... torrão neles minha gente!

O BARTIMEU

FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.

rosário, 618 - tone: 6-8460

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

DOCEIRA JUNDIAÍ

DISTRIBUIDORA DE:
doce

balas

chocolates

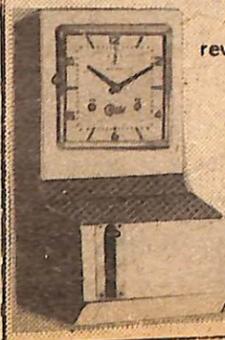
DE TODAS AS MARCAS

DISTRIBUIDORA EXCLUSIVA NA REGIÃO DO PANETONE 900
RUA DR. TORRES NEVES, 292 - 6.7400
O TELEFONE DOCE DA CIDADE



RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL



revendedor autorizado em Jundiá:

COMERCIAL

PANIZZA LTDA.

BARÃO-427
FONE: 6-8231

Creche Alexandre Saska: ponto de integração na Hortolândia

Um bairro como a Vila Hortolândia, que sempre foi tão marginalizado há anos atrás, e ainda é um pouco, conta agora com um movimento intenso de divulgação moral, que tem obtido excelentes resultados, sendo reconhecido pela cidade inteira. Um bairro que está passando de marginalizado à pobre e carente de apoio. Um bairro que agora está começando a ser visto com bons olhos, habitado por pessoas preocupadas em erguer o nome do lugar onde mora. Grande ajuda tem dado os padres de lá com a Criação do Centro Comunitário e agora a Creche Alexandre Saska "bolada" pelo mesmo.

A Creche Alexandre Saska, localizada na Vila Hortolândia rua Campinas nº 58, foi inaugurada no dia 22 último. Essa obra foi conseguida graças ao trabalho que os padres do bairro vem realizando há anos. A Creche tem recebido uma contribuição mais simbólica e colaborações feitas pela Feira da Amizade, pelo próprio Centro Comunitário e por diversas indústrias que colaboram doando carpetes, geladeiras e coisas do gênero.

Da comissão designada para a coordenação participam: Angelo e Luíza Bôa como presidentes, Mauro Marson como secretário, Benjamin Vieira como tesoureiro, Jaime e Aparecida Piero Bom que cuidam do serviço interno da Creche, Paulo André Labrossie como coordenador e Josepio e Maria da Costa como colaboradores diretos.

Foi alugado um casarão destinado ao funcionamento da Creche, onde na reforma a mão de obra foi espontânea, feita pelos próprios moradores do bairro. As despesas na reforma serão descontadas no aluguel.

A Creche irá começar inicialmente, dia 6 de dezembro, com 20 crianças de 2 a 5 anos.



no horário de 7 às 17 horas e aos sábados até meio dia. Vai ser cobrada uma taxa mensal de acordo com as possibilidades da família. Em caso de necessidade extrema, aceitaram matrículas até de duas ou três crianças de uma só família. O critério adotado para aceitação é de acordo com as condições da família.

Para cuidar das crianças haverá duas auxiliares que são mães do bairro, duas professoras mandadas pela Secretaria de Educação do Município e ainda a orientadora pedagógica Alair.

Não se sabe ainda qual será o resultado. As perspectivas são as melhores possíveis, mas desde o início os padres sabiam que iriam encontrar muitas dificuldades. Mesmo assim, compraram a briga e seguiram em frente.

Os recursos, a primeira vista, estão de acordo com as necessidades, mas só com o funcionamento mesmo é que se poderá ver o que precisa. Seria interessante, como afirmam alguns, a criação de uma outra creche em outra zona do bairro, para atender

melhor a criançada, mas por enquanto, não há condições.

Durante todo o tempo em que as crianças permaneceram na creche elas encontraram brinquedos e materiais para se divertirem e passar o tempo. As dependências foram arrumadas com muito bom gosto tendo até um quarto com colchões para as crianças repousarem, refeitório, salinhas de aula, tudo decorado em estilo infantil.

A programação cultural para o desenvolvimento das crianças será elaborada pela orientadora Alair, não sendo ainda conhecida.

A manutenção e despesas, principalmente alimentares, será feita pela Prefeitura, que já aprovou uma verba, de doações de moradores de maiores possibilidades financeiras do bairro, firmas, indústrias e do próprio Centro Comunitário, que providenciará inclusive uniformes.

A esperança de todos é que o movimento de assistência social na paróquia continue, não só na Vila Hortolândia, como também em outros bairros.

Os 5 minutos e meio de Romeu na tribuna

Do tempo que lhe foi dado pela presidência (5'30") para falar em "explicação pessoal", na sessão passada da Câmara de Jundiá, o vereador Romeu Zanini gastou 1 minuto em considerações sobre uma campanha que vem sendo feita entre os alunos do Grupo Escolar da Agapeama, com vistas à reconstrução do muro e alambração do estabelecimento. Exibindo dois bilhetes com o apelo de professores para que os alunos levem à escola 1 tijolo ou Cr\$ 2,00, Romeu declarou estar em desacordo com a campanha, indagando: "Será que o Estado não tem dinheiro, a Prefeitura não tem dinheiro, obrigando os alunos a levar Cr\$ 2,00 para a construção do muro que caiu, se eles não tem Cr\$ 2,00 para a construção do muro que caiu, se eles não tem Cr\$ 2,00 sequer para comprar bananas pra levar de lanche na escola?"

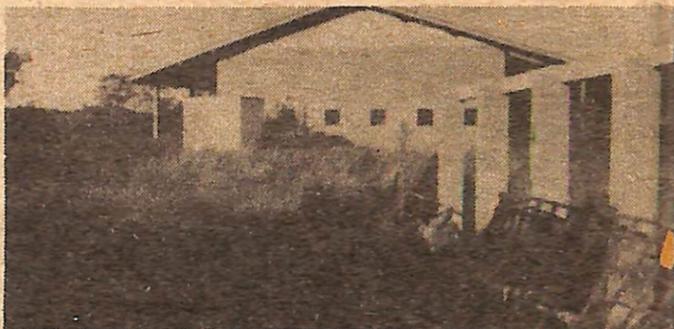
Os dois minutos seguintes do seu tempo, Romeu dedicou a um comentário acerca da absurda majoração de impostos havida em 1974 e de redução — mais absurda ainda — ocorrida este ano sobre dezenas de imóveis situados junto à Avenida Córrego do Mato. Mais uma vez exibindo comprovantes, falou sobre o caso de um munícipe que pagou Cr\$ 100,00 de impostos em 1973, Cr\$ 659,00 em 1974, e neste ano, depois de haver recolhido Cr\$

769,00 aos cofres públicos, foi chamado à Prefeitura para receber um reembolso de Cr\$ 548,00, eis que o valor de seu terreno houvera sido rebaixado, com isto caindo para Cr\$ 221,00 os impostos que pagava. A pergunta do vereador: "Como é que vai ser feito o controle desse dinheiro na Prefeitura? quem é que vai contabilizar a entrada e a saída desse dinheiro?"

O tempo restante para sua explicação, o vereador gastou para comentar a manchete dos jornais daquela quarta-feira, segundo a qual o prefeito colocava Cr\$ 400 mil à disposição da Comissão Municipal de Turismo para realizar o carnaval de rua de 1976. Com o J.J. na mão, Romeu chamou a atenção de seus colegas para outra notícia, publicada na página 4 da mesma edição, onde se lia que há mais de uma semana três bairros próximos do centro estavam sem água, sequer para beber. Em seguida, disse que concordava com o carnaval, que inclusive também ia sair às ruas, mas que muito mais importante seria o prefeito resolver o problema da água, não deixando os munícipes passarem sede e sem condições sequer de fazer um cafezinho.

Como os cinco minutos e meio já estavam esgotados, Romeu parou por aí.

O Centro Rural, ainda nesse estado



Tristemente, o Centro Rural do Bairro do Traviú, construído no final da administração Walmor Barbosa Martins, com recursos do Município e do Estado, caminha para seu terceiro ano de total abandono por parte do Poder Público. Com seu parcial desmoronamento e o mato crescendo em toda a volta, vai essa obra caindo também no esquecimento das centenas de lavradores a quem deveria beneficiar e que, tendo ajudado a eleger um vice-prefeito ligado ao setor rural, confiavam que ela fosse contribuir para a solução de seus múltiplos problemas, ou pelo menos parte deles.

Havia, naquela época (principios de 1973), um grande entusiasmo no meio rural do Traviú, Poste, Fernandes e Corrupira, ante a perspectiva de seus trabalhadores passarem a contar com o benefício da assistência social e até mesmo poderem utilizar as dependências do Centro para a prática de alguns esportes, enfim, gozarem momentos de lazer como os que possui o homem da cidade.

No entanto, o mato foi crescendo, escondendo o Centro

Rural. Com a entrada do inverno deste ano, um vendaval fez desmoronar o pavilhão que existia nos fundos da edificação principal. Poucas pessoas ficaram sabendo deste fato. Aquelas que tinham obrigação de saber — as autoridades — parece que fizeram questão de ignorá-lo. E nenhuma providência foi tomada para a reconstrução, poda do mato, equipamento e utilização da obra, que sequer chegou a ser entregue oficialmente a seus beneficiários.

E mais uma vez o **Jornal de 2ª** denuncia esse estado de coisas, indagando à Secretaria de Promoção Social do Estado e à Prefeitura Municipal de Jundiá se ao menos têm conhecimento da existência dessa obra e, sabendo como ela se encontra, têm intenção de recuperá-la, destinando-a ao uso para que foi construída e entregando a sua administração à Associação Agrícola de Jundiá ou outro órgão representativo do meio onde está situada.

Necessário e oportuno, também, seria apurar-se os responsáveis por tal situação, aplicando-lhes o corretivo revolucionário adequado.



Não cobramos nenhuma taxa dos candidatos

Mantemos sigilo absoluto

Vagas para os seguintes Departamentos:

SECRETARIAL ADMINISTRATIVO

VENDAS E MARKETING

TÉCNICO INDUSTRIAL

Horário: das 8:00 às 18:00 h

Sábados: das 8:00 às 12:00 h

Não fechamos para almoço

Rua Engenheiro Monlevade, 682 - Fone: 6-5987

JUNDIAÍ — ESTADO DE SÃO PAULO



R. BANDEIRANTES 157 - FONE: 6-8456

AGORA VOCE JA' TEM ONDE IR ZETISERVE

A LANCHONETÉ SOFISTICADA DA CIDADE O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAÍ LA' VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO FRANGO FRITO SERVIDO PELO PROCESSO CHICKEN-IN

avenida antonio segre. 504

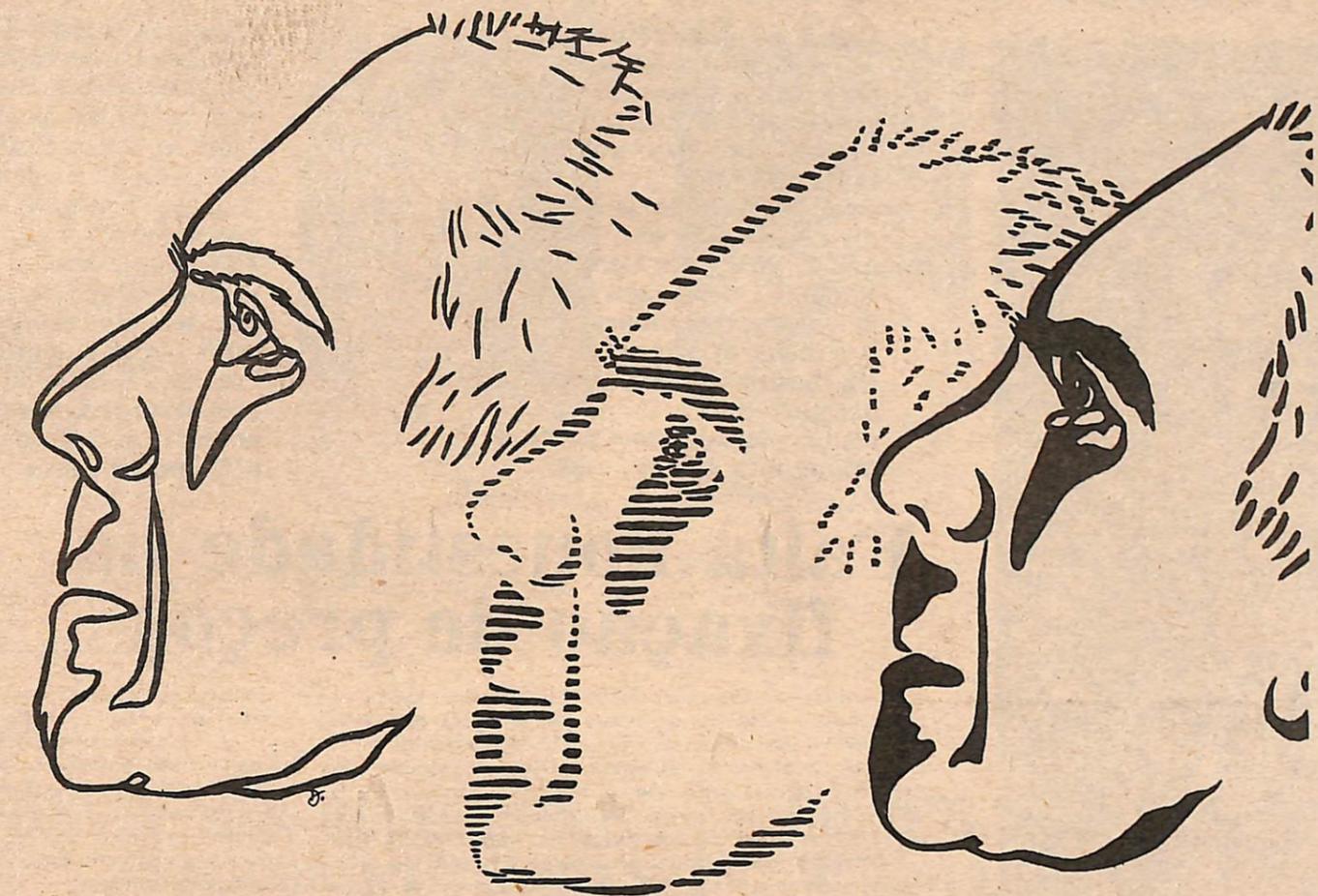
A NOITE DOS MARAGATOS

Em 1967 os jornais noticiavam que pesqueiros russos estavam rondando a costa Sul do Brasil, operando dentro das águas territoriais brasileiras. Naquele tempo, o mar era de 6 milhas.

Como repórter, fui enviado pelo **Jornal da Tarde**, junto com o fotógrafo Amilton Vieira, à cidade gaúcha de Rio Grande, para fazer a cobertura do acontecimento. Tínhamos que ouvir as autoridades da Sudepe, os pescadores, e se possível fotografar os barcos russos.

De passagem por Porto Alegre, a caminho de Rio Grande, fomos procurar o chefe da sucursal do jornal, para que ele nos desse um certo apoio logístico. Precisávamos, por exemplo, de uma autorização do comandante da Zona Aérea local para sobrevoar o mar, à procura dos barcos russos, para fotografá-los.

Mário Lima, o chefe da sucursal, velho maragato, figura conhecidíssima em Porto Alegre, dono da mais popular livraria da cidade, resolveu acionar as suas influências para conseguir a tal autorização. Disse que nos levaria até a casa de um amigo, e que este amigo falaria com outro amigo, que conseguiria o que a gente estava precisando.



Fomos à casa do tal amigo. Atendeu uma simpática senhora de olhos azuis, que recebeu Mário com o calor e a intimidade com que se recebem velhos amigos. A casa era acolhedora. Levou-nos até a biblioteca, onde um senhor grisalho se aquecia ao pé da lareira.

Abraçou Mário Lima, que nos apresentou como repórteres paulistas, explicou qual era o nosso trabalho, e quais eram as nossas necessidades do momento.

Mário Lima — fama de brilhante orador e polemista — desandou numa longa e particular

conversa gauchesca com aquele nosso agradável anfitrião. Mas eles conversavam sobre coisas e pessoas que estavam fora do nosso quadro de referências.

A conversa se estendeu por alguns quartos de hora. Mário, de prosa brilhante e dispersiva, nunca tocava no tal assunto: a necessidade de uma autorização para sobrevoar os navios russos.

Eu e Amilton absolutamente convencidos que aquele cavalheiro grisalho deveria ser uma autoridade aeronáutica, talvez um oficial aposentado, que deveria

recomendar-nos a alguém com poderes para fornecer a tal autorização.

Mas na conversa dos dois jamais se fez qualquer menção ao assunto. "Tática de Mário Lima", pensei. "Ele deve estar esperando o tal momento oportuno".

E eles falavam de livros, de política municipal, de política estadual, da universidade, de Brahms.

Na verdade aquele senhor de cabelos grisalhos não me era totalmente estranho. Já o teria visto em alguma foto de jornal? Estranha mesmo era a sua estante de livros. Muitos livros em

húngaro, tcheco, polonês. Uma biblioteca imensa que o recato e a falta de intimidade me impediam de examinar mais de perto.

A situação, é bom que se diga, estava ficando um tanto embaraçosa. Aquela senhora de olhos azuis, muito gentil, depois do café sentou-se ao lado do senhor grisalho, e como uma vovó de revista infantil, concentrou-se numa absorvente obra de tricô. De vez em quando, erguia os olhos e sorria amavelmente. Retribuíamos também amavelmente mas com uma amabilidade um tanto desajeitada, de

quem estava se sentindo fora de posição.

Amilton me olhava com um ar acintoso de interrogação. E vice-versa.

Quando a situação ameaçava tornar-se insustentável, e eu já estava intimamente disposto a entrar no assunto de autorização, Mário Lima levantou-se abruptamente — todos os seus gestos eram abruptos e envolventes — deu três sonoros tapas de camaradagem nas costas do senhor grisalho, fez um sinal para que

o seguissemos. Obedientes, nos encaminhamos para a porta, acompanhados pelo casal. Notei que no caminho Mário Lima discretamente sussurrava com o nosso anfitrião alguma coisa a respeito de aviões, barcos russos, permissão, etc.. E o cavalheiro grisalho prometendo que sim, que telefonaria, que falaria com o coronel.

Na porta, Mário Lima despediu-se, por ele e por nós.

— Obrigado, Érico, e boa noite.

Foi assim que não conheci Érico Veríssimo.

Só fui conhecê-lo mais tarde, nas páginas de "Solo de Clarineta". E na dignidade pública dos seus atos e seus gestos.

Sandro Vaia

Plantão

Durante esta semana, no Instituto Oscar Freire, em São Paulo, será realizado o I Seminário Paulista de ADMINISTRAÇÃO Penitenciária: de 8 a 13 de dezembro, os problemas do setor serão discutidos — abordando-se os aspectos de saúde (campos clínico, psiquiátrico e médico-hospitalar), trabalho e ensino penitenciário; laborterapia, profissionalização e instrução, segurança e disciplina, ressocialização e sua preparação psicológica, religiosa e assistencial.

Estarei assistindo ao seminário, que contará

com a participação de vários especialistas no setor. Na abertura, — dia 8, será abordado o tema "Administração Penitenciária: aspectos atuais, técnicas e problemas".

Participantes: Diwaldo de Azevedo Sampaio, diretor do DIPE (Departamento dos Institutos Penais do Estado) e Luiz Gonzaga Santos Barbosa, diretor da Penitenciária do Estado. No dia 9, se falará sobre problemas clínicos, psiquiátricos e médico-hospitalares. Preletores: Ayush Morad Amar, superintendente do Instituto Oscar Freire; Tarciso Pinheiro Cintra, diretor da Casa de Custódia e Tratamento de Taubaté, e Antonio Delphino Machado Júnior, médico-chefe da Penitenciária.

Nas sessões subsequentes participarão, entre outros, o juiz-corregedor dos Presídios, Renato Laércio Talli, e o secretário da Justiça, Manoel Pedri Pimentel.

O I Seminário de Administração Penitenciária reunirá, assim, vários especialistas. A temática promete estimular estudos e pesquisas de interesse penitenciário.

Na verdade, de uns meses para cá tem se acentuado o interesse público na solução do problema. E bem verdade,

também, que o problema penitenciário ficou sepultado, por cerca de 10 anos, na vala comum do esquecimento. Hoje, pelo contrário, o assunto é debatido — a tal ponto do juiz-

corregedor dos Presídios de São Paulo se dispôr a prestar um depoimento diante da CPI criada para estudar o problema, em Brasília.

Presumindo-se que o objetivo da pena é recuperar efetivamente o preso, do contrário seria inútil pensar-se na segregação, trata-se efetivamente de uma questão de relevante importância. Ao mesmo tempo, parece-nos, é necessário que se estimule o combate às causas da criminalidade, única razão da superlotação atual de nossos presídios.

Durante muito tempo, o antigo RPM (Recolhimento Provisório de Menores) funcionou como uma espécie de escola do crime. De fato, no pavilhão 9 da Casa de Detenção,

reservado aos presos primários, é grande o número de detentos que, anteriormente, passou pelo RPM.

Um aspecto muito importante desse I Seminário: seus participantes vão ser homens de grande vivência e conhecimento da problemática. Isso significa que eles falarão e discutirão com conhecimento de causa, e não apenas teoricamente, como já aconteceu muito em vários lugares.

E, realmente, falar sobre penitenciarismo sem conhecer de perto um estabelecimento penal se torna algo até ridículo.

Vamos acompanhar o I Seminário e, na semana que vem apresentaremos no **Jornal de 2ª** uma síntese do que de principal foi abordado e discutido.

Percival de Souza



Fim de ano, compras.

APENAS 10% DE CALOTES. SÃO OS DADOS DO DPC

Naum Mandeltraub, membro da Diretoria do Clube dos Lojistas de Jundiá e Presidente do Conselho do Departamento de Proteção ao Crédito, à nossa pergunta sobre o comportamento dos consumidores ligados ao comércio credenciado da cidade, respondeu:

Analisamos convenientemente os dados que possuímos podemos dizer que o mercado credenciado de Jundiá é bom com relação à liquidez, tudo da questão que interessa mais de perto ao DPC.

O nosso Departamento de Proteção ao Crédito, com instalações sempre atualizadas e neste mês com a instalação de um PBX funcionando a pleno vapor, com alta capacidade de operação, forneceu em 11 meses 103.249 informações. Essas solicitações naturalmente foram encaminhadas por comerciantes que tinham vendas a crédito iniciadas e que para serem fechadas dependiam do conhecimento do crédito do consumidor. É um número significativo.

Desses pedidos 80% foram liberados imediatamente. Considerando-se os honorários, os cancelamentos e os reabilitados, foram liberados mais 18%, restando sem crédito apenas 10% dos pretendidos compradores.

Outro número valioso para uma apreciação dos comerciantes é o de negativos reabilitados. Com a informação do DPC, o consumidor negativo deve liquidar sua conta atrasada para realizar outras compras. Neste ano foram recuperados 5.340 negativos. Equivale dizer, os comerciantes recuperaram grande parte dos seus créditos que não receberiam de outra maneira.

Há ainda comerciantes que vendem sem essa precaução necessária do pedido de informações. Com isso estarão sujeitos a prejuízos desnecessários, pois, o DPC conta ainda com intercâmbio nacional e poderá conhecer seus pagadores que se transferem para Jundiá de outras praças, ao mesmo tempo em que, encaminha negativos para qualquer ponto do país, a pedido dos usuários.

Com a mesma intensidade com que os estoques das lojas da cidade aumentam dia a dia - na expectativa de boas vendas no final do ano - o movimento das estações ferroviária e rodoviária cresce, de pessoas que se dirigem a Campinas, a São Paulo, na esperança de conseguir melhores produtos por menores preços. Da mesma maneira que as festas natalinas são tradicionais e fazem parte do último mês do ano, essa

fuga dos compradores para os centros comerciais mais próximos também está arraigado nas pessoas com os bolsos mais recheados em decorrência da provisão guardada durante o ano, do recebimento do 13º salário e do PIS - Programa de Integração Social. É certo que desde os tempos mais antigos, quando o comércio era feito à base do escambo, todos procuravam adquirir o melhor pelo menor preço. Mas será que

Falta honestidade na fixação de preços

A pretensão das Casas Pernambucanas era construir um magazine com 4 andares, com escada rolante e vendas de inúmeros produtos. No entanto, devido à proibição do CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico, que proíbe a construção de casas maiores que o Solar de Jundiá num raio de 300 m2, foi conservada a fachada colonial. No entanto, essa conservação tem trazido somente benefícios, pois houve uma aceitação muito boa. Apesar da loja ter um bom movimento, a concorrência dos centros é grande em relação ao comércio de Jundiá. Se o jundiáense acostumasse a comprar em sua cidade, iria ajudar o ICM e com isso beneficiar os cofres públicos.

Em questão de concorrência de casas do mesmo ramo, há necessidade de haver bom preço, variedade e honestidade para com o freguês. Algumas lojas não mantêm essa honestidade e fixando um determinado preço para as mercadorias, criando des-

confiança das pessoas; isso prejudica a loja, que as vezes precisa fechar suas portas.

O comércio em Jundiá é médio, pois a facilidade de trem e de inúmeros ônibus para São Paulo, levam o freguês daqui a comprar em outra praça. O pequeno comerciante tem dificuldades de sobrevivência e tende a desaparecer pois a classe média não é boa para compras e a classe alta vai comprar em outras praças. Mesmo assim houve uma melhoria nas vendas, por causa do aumento dos salários.

Essa facilidade que o Jumbo e a Eletro têm de horários diferentes do resto dos outros, tem atrapalhado o comércio em geral; deveria ser proibido ficar aberto aos domingos, por exemplo. Acho que os enfeites de Natal não têm influência nas vendas mas é interessante ficar aberto até às 22 horas. Mas será somente até o dia 23.

As Lojas Pernambucanas têm uma promoção para o mês de janeiro, que será estendida para todo o comércio local. Será o dia do freguês, quando o cliente terá um desconto especial.

O entrevistado é Geraldo Gomes de Castro, gerente das Casas Pernambucanas

E também faltam casas especializadas

Jundiá é uma cidade que está crescendo muito e em nossos hipermercados há uma satisfação total do freguês, uma vez que ele encontra desde a um alfinete até um veículo. E o que ele não encontra, ele pode encomendar.

Quem diz isso é José Roberto Bueno, supervisor do Jumbo: - Nós mantemos um bom nível de rotatividade com nossos produtos, exemplo dos cereais, que é feita de 20 em 20 dias; a carne, a cada dois dias, o pão, diariamente, e assim por diante. Isso, é uma demonstração de dinamismo, justamente o que está faltando para o comércio local. Quando viemos para Jundiá, todos pensaram que a cidade não comportaria loja de tal porte, e nós comprovamos que não era verdade. O que acontece é que há lugar para todos.

Uma grande falha da cidade é a não formação de casas especializadas. Se começasse a haver tal iniciação, as lojas entrariam em grandes concorrências e o cliente seria o beneficiado.

Dezembro é o melhor mês do ano e o nosso lema vender em massa, a preços baixos, continua. Temos aqui no Jumbo muitos enfeites natalinos e estamos preparando outras surpresas. Essas ornamentações realmente dão bons resultados e em Jundiá são poucas as lojas que adotam esse método. É só vermos em São Paulo, onde existe até briga entre os bairros. Por que isso? Só pode aumentar o comércio.

A loja está se especializando em diversos setores, mas sem perder a sua qualidade de hipermercado; essa é uma técnica que estamos desenvolvendo e dará resultados de médio para longo prazo, pois certamente irá funcionar.

Existe a política brasileira de tabelamento de produtos, o que nos beneficia. É uma medida certa, pois realizará um saneamento nos abusos que são cometidos. Um problema que afeta a gente e também todo o comércio é a política externa, mas o governo não tem culpa, pois é reflexo da crise mundial que estamos sofrendo.

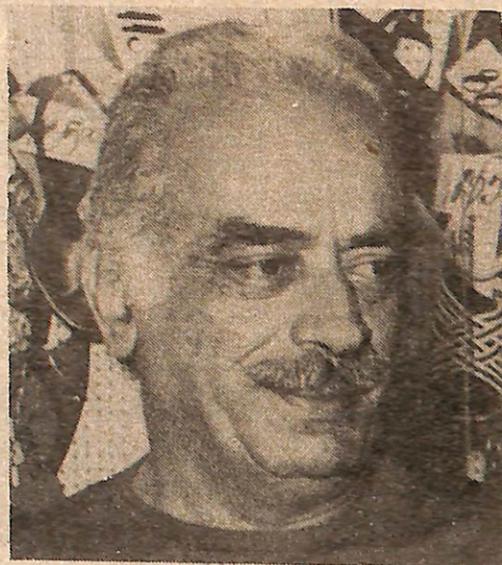
A cidade entre duas capitais

O aumento das vendas é uma meta que sempre queremos atingir. Este ano inauguramos o Tranquillão, uma loja com um espaço muito grande. Nela cabe mais mercadorias, o que acarreta vendas maiores. O comércio em geral, na cidade, é médio, pois sofremos, ainda, influência de São Paulo e Campinas. Comercialmente, podemos considerar Jundiá no meio de duas capitais, onde o povo vai à procura de novidades.

Considerando que nossa loja é de bairro, nós não sofremos influência do centro da cidade, onde há horário regulamentado para carga e descarga e para estacionamento, o que, de certa forma, prejudica um pouco as vendas. Em termos objetivos, nossa loja cuida de eletro-domésticos e móveis; creio que esta é uma forma de atrair mais fregue-

ses; os hipermercados fazem o cliente se perder, sem nada objetivar. Nós já cuidamos de preparar a loja com enfeites, a fim de atrair mais fregueses. Eles vêm na loja, toda iluminada e toda colorida, e sentem-se mais motivados a entrar. Essa é uma espécie de procura da alegria de Natal. E se enfeitassem as ruas, como se faz em São Paulo? Essa é uma boa idéia, mas falta maior união. Nem o Clube dos Lojistas e nem os poderes municipais levantaram essa hipótese, mas seria de grande valia e aumentaria o comércio.

Há vantagens de se abrir a loja à noite, somente no mês de dezembro; é uma tradição. Com isso, as lojas dão oportunidade para as pessoas que trabalham de dia; mas é somente em dezembro, pois em qualquer outra época do ano esse sistema não funcionaria.



Raphael Zalaf, proprietário da Loja Nova



Nivalda, gerente do Credi Tranquilo

E o comércio, onde vai?

se deslocavam alguns quilômetros para realizar tal façanha? E se não houvesse tal garantia? Compensaria tal esforço?

Abaixo, alguns depoimentos de proprietários e gerentes das nossas casas comerciais, desde os mais tradicionais até os que entraram no ramo há poucos meses. Eles falam das vendas, das possibilidades e do nosso comércio, durante o ano e na época do Natal.



Roberto, supervisor do Jumbo



D'Agostini, da Expocenter



Geraldo, das Pernambucanas



Sandra, proprietária de Piô

FREGUÊS VÊ PREÇO E NÃO QUALIDADE

É a opinião de um comerciante experiente, de Angelo d'Agostini, proprietário da Expocenter Nordval.

No setor alimentício, Jundiaí está muito bem, mas em outros setores são prejudicados pela proximidade de São Paulo e Campinas. Esses supermercados são preferidos pela classe média que abrange 80 por cento da população da cidade. Temos um problema de influência psicológica, pois o consumidor simples não entra em butique.

A concorrência dos comerciantes seria boa se fosse honesta; isso seria um incentivo, com artigos de qualidade superior. No entanto, o jundiaense está acostumado a comprar por preço e não por qualidade. O que interessa para ele é sempre o preço mais baixo.

O comércio em Jundiaí não é ruim, e o problema de liquidez tem diminuído, apresentando as mesmas dificuldades normais em outras praças. As indústrias têm influência primordial na cidade, e, se esse setor não fosse tão desenvolvido, seríamos engolidos por São Paulo e Campinas. No entanto, estamos nos mantendo em pé, embora não concorremos com elas.

Quanto há vendas, há um ponto positivo e um negativo: a taxa de inflação tem prejudicado o comércio, enquanto que as vendas a prazo tem facilitado o consumidor, aumentando-as. O governo tem auxiliado e incentivado os supermercados, pela razão de seu controle ser realizado de forma mais fácil.

Quanto aos enfeites, creio que as ornamentações natalinas iriam humanizar as ruas; do modo em que está, somente tem prejudicado. É muito bom ficar o comércio aberto até às 22 horas e seria excelente se ficássemos todo o ano. Nesse ponto, os comerciantes deveriam ter liberdade de horário, abrindo e fechando a loja mais tarde, de forma a beneficiar aqueles que trabalham até às 18 horas.

UM COMÉRCIO EM DIFICULDADES

Charly - Discos:
entrevistado o proprietário
Eduardo Sacchi

A proximidade dos grandes centros atrai o consumidor da cidade por hábito, pois o preço e a qualidade são iguais, e, de certa forma, tem afetado de maneira séria nosso comércio. No início pensou-se que as casas grandes como o Jumbo e a Eletro não teriam impulso; no entanto elas também afetam o comércio especializado, dificultando-o. O comércio local é médio e o pequeno comerciante sobrevive devido às amizades já formadas, à simpatia da casa e mais por um espírito de amor à comunidade jundiaense.

Em termos gerais, o comércio passa por dificuldades, por causa das grandes despesas que atinge tanto o pequeno como o grande comerciante. Apesar de o comércio estar melhor este ano, se houvesse uma setorização iria facilitar muito mais; mas, deveria ser em um lugar com bom estacionamento e uma variabilidade de produtos.

Se os ornamentos de Natal fossem realizados de uma maneira melhor, atrairia muito mais o consumidor, como acontece em outras cidades. É de se estranhar essa displicência de nossa Prefeitura nesse sentido. Durante essas festas é interessante ficarmos aberto até às 22 horas; as despesas que temos com empregados e com a eletricidade, são compensadas por uma venda melhor.

UMA DAS MELHORES PRAÇAS DO ESTADO

Credirei S/A: entrevista com
o diretor presidente Benjamin Herman

O comércio de Jundiaí vive uma fase muito boa e espera-se para este mês um ótimo movimento.

A pergunta sobre a praça de Jundiaí, a opinião dos viajantes que conheço é uma das melhores do Estado, quanto à movimentação e quanto à liquidez dos negócios.

Sobre a concorrência das praças de São Paulo e Campinas que se diz prejudicial a Jundiaí, entendo que absolutamente pode-se chegar a essa conclusão, por duas razões principais: São Paulo é a maior cidade do país e portanto tem o maior comércio. Quanto à Campinas, é na realidade também, um maior centro do que Jundiaí, como todos conhecem. Conquanto nossa proximidade com essas cidades, é de se considerar que há um número de consumidores que estão habituados a fazer compras fora, quando, pelas condições econômicas também estão em condições de passear. Esse tipo de consumidor não muda de hábito facilmente, sendo outros fatores que influem no seu comportamento e não apenas a questão de mercadorias ou preços.

Esclareço ainda que considero o consumidor credenciado de Jundiaí, muito bom pagador, sendo muito reduzida a porcentagem de maus pagadores, insignificante mesmo.

COMPRAR FORA É UMA ILUSÃO

A Vencedora: entrevistado o
proprietário Rafael Zalaf

Tenho em minha loja um movimento grande e um comércio estável: não podemos nos queixar. Em dezembro, principalmente, nossas vendas duplicam e esgotam nosso estoque, apesar de ser bem grande.

Realmente, as pessoas vão à São Paulo e Campinas a fim de comprar nas lojas dessas cidades. Mas, isso tudo é ilusão, pois eles perdem o dia, a viagem e adquirem por um mesmo preço de Jundiaí. Acredito que, na maioria das vezes viajam para se consultarem ou qualquer outra finalidade, e acabam por andar pelas ruas comerciais.

Aqui na loja vendemos 90 por cento à vista e não temos problemas com as vendas à prazo. Uma medida muito boa seria a eliminação do estacionamento aqui na rua São José, bem como a proibição do trânsito. Sem esse fluxo de carros, todas as lojas desse setor seriam beneficiadas. Temos uma das melhores praças do interior de São Paulo, em consequência de Jundiaí ser uma cidade com vida própria, que não depende economicamente da lavoura.

Apesar da crise mundial ter afetado a todos os países, o governo brasileiro é honesto e faz tudo o que pode. Aqui no Brasil é um paraíso, se o compararmos com outros países, onde há apenas revoluções.

VENDAS DIRETAS DA FÁBRICA: PREJUÍZO

Loja Nova entrevistada a
gerente Nivalda

O povo está bitolado a ir comprar em São Paulo e Campinas, onde as lojas estão sempre superlotadas. A razão para tal eu não sei.

Mesmo assim, o comércio em Jundiaí é bom, mas se considerarmos o número de habitantes que a cidade tem, poderia ser melhor. Ultimamente, o povo só quer comprar roupas-feitas e confecções, fazendo com que a venda de tecidos caísse bastante. As perspectivas para as vendas neste Natal são grandes, e já temos um grande estoque para todo o mês.

O centro, um pouco apertado, a falta de estacionamento e o tráfego intenso prejudicam as vendas em todas as lojas das ruas centrais. Aqui perto, eu só conheço o estacionamento do Credi-Rei. Mas, o que realmente sustenta uma loja são as vendas à crédito, se trabalhar com o sistema de **proteção ao crédito**, pois é muito dinheiro que gira na mão do povo, que gira fora da loja. Um fator que afeta profundamente as vendas das casas comerciais, são as compras que as pessoas efetuam **diretamente** na fábrica. O povo jundiaense tem esse costume de se dirigir às fábricas, onde, logicamente, obtém roupas por um custo menor.

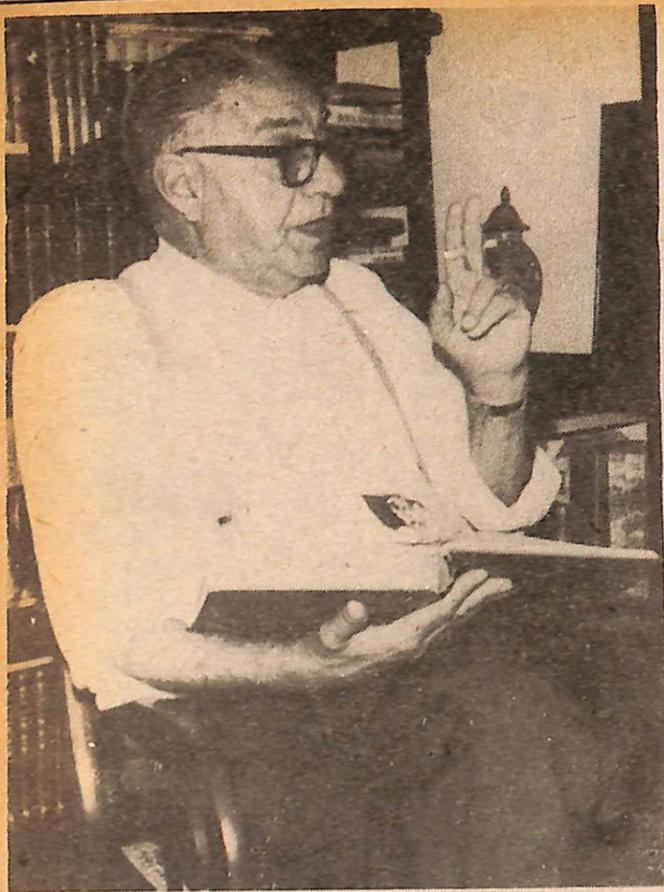
JUNDIAÍ? UM COMÉRCIO MEDÍOCRE

É isso que pensa Sandra Margarete Setti Spiandorin, proprietária de Piô — Moda e Decoração Infantil.

Ela acha que Jundiaí não é muito boa comercialmente, principalmente devido a pequena distância que há entre a nossa cidade e São Paulo e Campinas. "No meu ramo, muitas vezes são feitas compras em outras butiques em São Paulo, na rua Augusta, mesmo com preços superiores; é somente para satisfação da vaidade burguesa de frequentar lugares da alta roda e não devido ao produto adquirido. Acho que a casa especializada é mais indicada para o consumidor, visto ser a minha butique a única voltada à roupas infantis; ela foi criada devido a falta de uma casa desse genero em Jundiaí. O comércio local é medíocre e no entanto comporta grandes lojas como o Jumbo, a Eletro. Mas a tendência é melhorar para as casas especializadas, devido ao novo espírito dos novos comerciantes de agora, com idéias novas.

O consumidor divide-se em duas grandes classes: o operário, — que é a maioria —, e a classe alta, que compra na Augusta; não há consumidor médio, não há meio termo. Creio que muitas vezes deixamos de vender devido à falta de um estacionamento.

Quanto ao problema de enfeites, o ano passado Jundiaí apresentou um medíocre. Se houvesse uma melhora, iria ajudar bastante o comércio; nossa praça deveria ter maior atenção por parte da Prefeitura. Estamos preparando para o próximo dia 10, uma passeata com um Papai Noel, acompanhado de várias crianças fantasiadas, tocando instrumentos musicais. O roteiro será: da butique até a Praça Governador Pedro de Toledo, pela rua do Rosário e depois voltando pela rua Barão. Será feito de manhã e à tarde; com essa propaganda ainda inédita, pretendemos conseguir uma boa repercussão.



Uma paixão está fazendo 360 anos

Na imprensa jundiaense têm aparecido, vez por outra, alguns apreciadores da História tentando invalidar a tese tradicional, clássica e oficial, de que os verdadeiros fundadores de nossa cidade não foram Raphael de Oliveira e Petronilha Rodrigues Antunes há 360 anos. Pelo menos oficialmente, essas tentativas têm resultado sem êxito.

O Jornal de 2ª, não sendo partidário (como é do espírito deste semanário) da versão oficial, e, tão pouco das versões extra-oficiais, e, acima de tudo, respeitando a todas que existem ou vierem a existir, posto que "a História que é dinâmica e não estática", pode sofrer revisões", resolveu publicar, nesta edição, a versão pessoal de Alceu de Toledo Pontes, membro do Instituto Histórico e Geográfico e uma das mais ilustres e destacadas personalidades de nossa cidade.

"Não é lícito, pois, a ninguém, duvidar que Raphael de Oliveira e Petronilha Antunes fundaram em 1615, a aldeia de Jundiahy, pois Raphael de Oliveira, apaixonado por sua comadre Petronilha Antunes, ajudou-a no assassinato do marido, José de Camargo Antunes, e, vendo-se perseguidos pela Justiça, embrenharam-se pelo sertão e assentaram vivenda no local onde hoje está a povoação".

J2ª — Como nasceu Jundiaí?

Alceu Pontes — Com o clássico sinal de posse usado pelos bandeirantes: o curral e a ermida, ou, a Cruz.

J2ª — Em que data, e, em que circunstância nasceu Jundiaí?

A.P. — Foi por via da emigração de Raphael de Oliveira e Petronilha Antunes que, em 1.615, nasceu Jundiaí.

J2ª — E por que, qual a causa dessa "emigração" de Raphael de Oliveira, feita juntamente com a viúva Petronilha Rodrigues Antunes?

A.P. — Raphael de Oliveira e a viúva Petronilha Rodrigues Antunes, naturais de São Paulo, juntamente com suas respectivas famílias, para fugirem à perse-

guição da Justiça, embrenharam-se pelo sertão e assentaram vivenda no local onde hoje está a povoação.

J2ª — O senhor está querendo dizer que Raphael de Oliveira e a viúva Petronilha Antunes eram perseguidos como criminosos?

A.P. — De fato. Raphael de Oliveira, apaixonado por sua comadre Petronilha Antunes, ajudou-a no assassinato do marido, José de Camargo Antunes.

J2ª — A escolha do sertão de Jundiaí, feita por Raphael de Oliveira e Petronilha Antunes, para "refúgio", por que foi?

A.P. — O sertão de Jundiaí, em 1.615, era, nessa época, famoso como refúgio

de criminosos e homicidas. Aliás, corriam várias lendas, segundo as quais, o mato grosso de Jundiahy era povoado por monstros, como, por exemplo, os **coruqueemas**, com 15 pés de alto; os **guaiases**, minúsculos mas ferozes; os **matuyus**, homens de pés para trás, corredores agilíssimos; e, as **giboicus**, serpentes cujas carnes, putrefatas, durante as intermináveis e penosíssimas digestões, se refaziam constantemente.

J2ª — E em que lugar teve início o povoado de Jundiaí?

A.P. — Os historiadores de Jundiaí são unânimes em afirmar que o povoado de Jundiaí teve início em 1.615, acrescentando que a viúva Petronilha Rodrigues Antunes, seus genros e filhos, e, um certo Raphael de Oliveira, criaram a capelinha que ficou, ao depois, sob a invocação de N. S. do Desterro.

J2ª — E o senhor, como pesquisador e historiador, tem isso como certo?

A.P. — Sim, eles têm razão, mesmo porque, até agora, apareceu historiador algum, com livro publicado à disposição de consultantes, nas livrarias ou nas estantes das bibliotecas públicas, que defendesse outra versão.

J2ª — Nesse caso, por que em 1.955, quando

se comemorava o III Centenário da elevação de Jundiaí a Vila, a Prefeitura destacou uma Comissão para pesquisar o passado histórico de Jundiaí, principalmente para apurar a data de fundação e seus fundadores?

A.P. — Por que circulava na imprensa local, nessa época, uma versão que atribuía a fundação do povoado a Francisco Gaia e Manoel Preto Jorge, ao invés de Raphael de Oliveira, o Velho, e, Petronilha Antunes, divergindo ainda, sobre a data do evento.

J2ª — E essa Comissão destacada pela Prefeitura fez a pesquisa?

A.P. — Claro. Fez uma pesquisa rigorosa, tendo concluído como eu, pela rejeição completa da nova versão e adoção oficial da antiga.

Eis aí, a entrevista que, de maneira simpática, gentil, atenciosa, nos concedeu o Dr. Alceu de Toledo Pontes, esse "gentleman" que, não só pela sua respeitável cultura, mas também pelo seu famoso cavalheirismo, elegância exterior e interior, é um exemplo de dignidade humana.

Enfim, o Dr. Alceu de Toledo Pontes, por tudo que é, tem casa, comida e roupa lavada no coração desta entrevistadora.

Célia de Freitas

RESTAURANTE E WYSKERIA

— DON GUIDO —

ONDE COMER BEM
NÃO É SÓ UM PRAZER, MAS
TAMBÉM UM PRIVILÉGIO

JÁ EM FUNCIONAMENTO

RUA DO ROSÁRIO, 670

TOTE, outro grupo de teatro estudantil



Como se vem notando ultimamente em Jundiá, está havendo grande interesse por teatro nos meios estudantis, existindo Ter, Tipa, Teds, Grutex, etc. além desses os grupos amadores como Grutli e Teatro de Comédias, que estão procurando dar o máximo que podem para fazer algo neste campo. Para maior incentivo surge um outro grupo de teatro, O TOTE, Toque Teatral, que já está com uma peça pronta para exibição, denominada **Delírio**.

Os participantes são Cláudio, Carlinhos, Mário, Claudete, Sonia, Célia, Lúcia, César e Ivete. A parte técnica conta com a colaboração de Luiz F. Pinto, no som; José Luiz Fagundes, o melhor iluminador de Jundiá; Edson Spina, Armando Bravi Filho, na maquiagem; o escritor e coreógrafo é o Claudinho.

O TOTE foi um nome "bolado" pelo próprio grupo, e faz seus ensaios em fins de semana, na garagem de uma casa. Quanto aos recursos não podemos nem nos referir, porque eles são mínimos, tudo o que é feito sai do nosso bolso, diz Claudinho. Faltou-nos tudo: apoio, material de trabalho, material para coreografia, dinheiro, tempo e mais algumas coisas, mas conseguimos superar - a tudo isso.

A idéia dessa peça sur-

tiu há uns três meses atrás e foi baseada em seis textos de Gibran Khalil Gibran; prometendo ficar pronta até o dia 13 de dezembro, data em que o grupo provavelmente estreará no Instituto.

A peça transmite muitas mensagens, é muito profunda e com isso deixa muito a pensar. O menino Carlinhos tem um sonho, ou melhor, um delírio, no qual pensa que está numa comunidade hippie. Nela ele percebe

que a sociedade onde vivia só havia podridão e falsidade. E baseada no rock, porque é sucesso atual e porque representa bem os ideais dos hippies.

Existe nesta peça um grande antagonismo: a linguagem de Gibran e o rock, e com isso a peça espera atingir a todos. O grupo recebeu grande colaboração do Grutli e pretende levar mais peças, uma das quais já está em andamento.

Sandra

No Instituto, faltou um pouco de educação. Mas, tudo bem.

Em comemoração à semana de Artes, o IEEJ realizou sua exposição de trabalhos nos dias 26, 27 e 28. Como abertura da exposição houve a entrega de medalhas de honra ao mérito aos esportistas de maior destaque da escola e apresentação de peças teatrais formadas pelos próprios alunos. Foram apresentadas três peças, sendo uma delas, em forma de show musical, com a participação especial de Armando Bravi do GRUTLI, que tem sido, diga-se de

passagem, uma das revelações do teatro amador em Jundiá.

Essas peças levaram grande número de jovens ao teatro do colégio, que vibraram entusiasmadamente. Espero que para o ano que vem, continue o movimento, pois como já foi visto, tem tido grande aceitação e incentivo de todos.

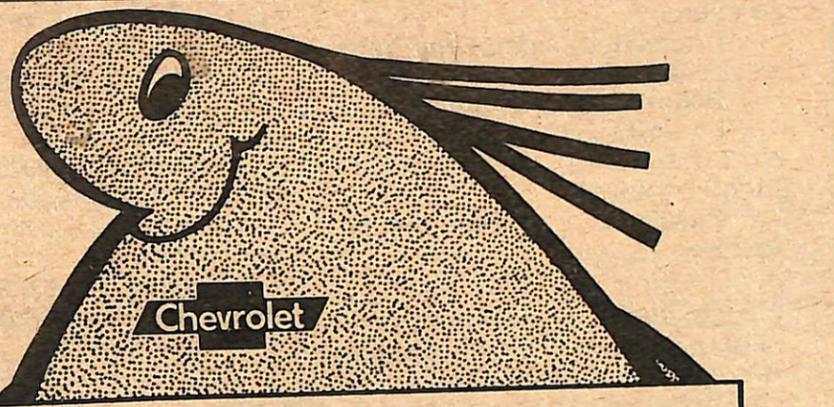
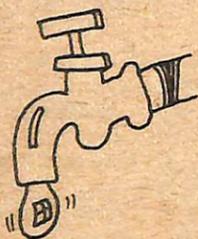
O que faltou porém, foi uma conscientização maior da platéia que não se comportou devidamente na apreciação do espetáculo.

(Deborah)

NATAL COLORIDO SILVATEX
BARÃO, 919
TELEFONE 67178

JUNDI HOBBIES
BRINQUEDOS
PEÇAS E DECORAÇÃO
TUDO PARA PINTURA E DESENHO
rosário. 550
fone. 4 3187

Decio



Entre a felicidade de possuir um Chevrolet e o ótimo atendimento Luchini, fique com os dois. **Luchini**

R. BARÃO DE TEFFÉ, 700 - FONES 40277 E 61277
R. VIGÁRIO J.J. RODRIGUES, 992 - FONES 66421 E 43165

STUDIO DECIO

JUNDIAI CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO
Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE ANCHIETA
Rua Padre Anchieta, 476
Fone: 4-2454

UNIDADE RANGEL
Rua Rangel Pestana, 222
Fone: 4-1001

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA
Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL SANTA RITA DE CÁSSIA
Praça Rotatória, s/n. — J. Messina
Fone: 4-1666

Poesias

Trovas



A Coleção Brasil Moço, da José Olympio Editora, que vem apresentando, para fins didáticos, os textos básicos e mais representativos da moderna literatura brasileira, editou "Drummond em Verso & Prosa", uma seleta da poesia e da prosa (contos e crônicas), de Carlos Drummond de Andrade.

Drummond Em Verso & Prosa é, da Coleção Brasil Moço, um dos volumes mais preciosos, tanto para fins didáticos, como para os apreciadores da poesia desse mineiro de Itabira, considerado unanimemente por todos intelectuais do Brasil, como o maior poeta brasileiro vivo. Essa era, inclusive, a opinião do próprio Manuel Bandeira.

A seleta de poesias, contos e crônicas, foi feita pelo próprio autor, que as escolheu entre dezenas de seus livros, como "Fala, Amendoeira" (crônicas), "Contos de Aprendiz" (contos), "Antologia Poética", etc.

Drummond Em Verso & Prosa é, indubitavelmente um volume exemplar, podendo se constituir num perfeito modelo no qual os demais volumes dessa coleção poderiam se orientar, pois nelas suas anotações oportunas e precisas, pelo seu relato preciso e exato de História, interessa não apenas ao estudante, mas até mesmo aos mais exigentes críticos e aos mais competentes professores, pois que todos podem aumentar seus conhecimentos através dessa leitura que desperta, pela beleza da poesia e pelo fascínio da prosa de Carlos Drummond de Andrade, o desejo de conhecer toda a magnífica obra desse poeta genial, que, graças a universalidade de sua poesia, tem vários de seus livros traduzidos e editados em quase todos os países do mundo.

A leitura de Drummond Em Verso & Prosa é uma verdadeira panacéia que nos liberta de todas as fossas, frustrações, desenganos, tédio, e desencanto, possibilitando-nos ver o mundo pelo lado poético, que, aliás, é o único lado que merece ser visto.

Não existe "pedra no caminho" que impeça você de adquirir esse pequeno volume de um poeta tão grande.

DRUMMOND, PEDRA, CAMINHO & INFERNO

Da tentativa de explosão e de interpretação do estar-no-mundo, Carlos Drummond de Andrade, esse mineiro de Itabira considerado como o maior poeta brasileiro vivo, nasceu em 1.902, estando, agora, com 73 anos.

Seu mais famoso poema é, sem dúvida, o "No meio do caminho", que o poeta escreveu, muito provavelmente, em absoluto estado de graça, possuído, no mínimo, pelo Sagrado Espírito Santo.

E claro que todo mundo conhece essa obra poética de C.D.A. que têm esses versos:

NO MEIO DO CAMINHO

No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra

Nunca esquecerel desse acontecimento
na vida de minhas retinas tão fatigadas.
Nunca me esquecerel que no meio do caminho
tinha uma pedra

tinha uma pedra no meio do caminho
no meio do caminho tinha uma pedra

Pedro Block, escritor e dramaturgo famoso (As mãos de Euridice), assim que leu o poema de C.D.A., não suportando tanta beleza e poesia juntas, ficou mudo sem poder falar. Espantado com o talento do poeta e sua capacidade criativa demonstradas em "No meio do caminho", a única coisa que conseguiu fazer para homenagear o poeta (seu amigo particular), foi rabiscar (falar ele não podia, de tanta emoção) a lápis, num pedacinho de papel, essa paráfrase que ele mandou entregar ao poeta:

— "Vá ser grande no inferno!
Grande vá ser no inferno!...
No inferno vá ser grande...
Grande no inferno vá ser!"

Gente que gosta e entende de poesia é outra coisa, né?

A Editora Globo acaba de lançar, "para aplauso febril dos corações", a segunda edição das POESIAS de Mário Quintana.

O preço acessível dessa preciosa edição convém frizar, é por ser a mesma feita em convênio com o Instituto Nacional do Livro.

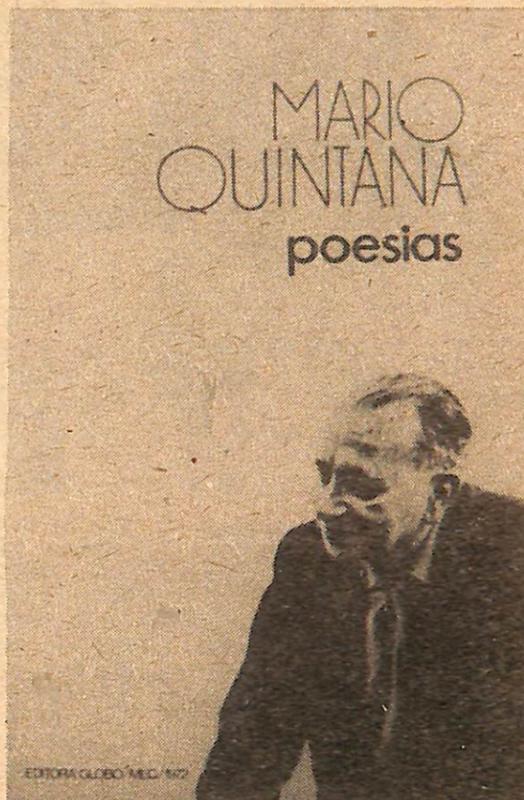
Mário Quintana, para quem não sabe, é um poeta com P maiúsculo, dono de uma pureza e de uma limpidez das mais raras.

Esse livro contém, ainda, pequenos poemas em forma de prosa, leitura das mais deliciosas, como os que transcrevemos para delícia da sensibilidade de nossos leitores:

ARTE DE FUMAR: "Desconfia dos que não fumam: esses não têm vida interior, não têm sentimentos. O cigarro é uma maneira disfarçada de suspirar..."

CRISE: "Por causa dos ilusionistas é que hoje em dia muita gente acredita poesia é truque..."

COMUNHÃO: "Os verdadeiros poetas não leem os outros



poetas. Os verdadeiros poetas leem os pequenos anúncios dos jornais".

E é daí prá cima.

Se você quiser saber do resto é só comprar o livro, pois ele já está à venda.

Pufs!

Caudilho: apêndice traseiro e comprido que parece não ter fim.

Montoneros são garotos motociclistas que causam terror nas ruas.

Pernóstico: sujeito que tem as pernas feias.

Dédalo sofria de labirintite.

Picardia: espécie de inseto cuja modedura é extremamente dolorosa.

Parábola é o sinônimo de goleiro.

Implosão: revolucionário sistema de destruição que não dá certo com brasileiro.

Hebdomadário é uma dor de barriga que ocorre semanalmente.

Hipocondria: doença que dá em cavalos.

Tinhorão é uma planta que sobrevive nas piores condições, muito pertinaz.

Serpentina: tipo de cobras

ZARTEU

bastante colorida. Sua picada faz efeito por três dias.

Maquiavélico: revolucionário francês da Resistência na II Guerra que tinha como característica a facilidade em iludir o inimigo.

Suscinto é um apetrecho de couro que serve para segurar calças pequenas.

Malefício: profissão escolhida erradamente.

Trottoir é a corrida de fogueiras potrancas.

Mise-en-plis é o nome do concurso anual que elege a cabeleira mais bela.

Mixórdia: miragem mal feita.

Espeleologia: estudo das imagens refletidas em superfícies polidas. Normalmente isto é feito dentro de cavernas.

Laticínio: assassinato para roubar leite.

Gastronomia é a ciência que trata dos problemas de baixo astral.

Pixe

Você quer uma trova? Nesse caso, eu lhe dou duas, ambas de autoria de Eny do Couto Oliveira, uma fluminense de Rio Bonito, atualmente vivendo no Rio:

(1) "SE EDUCAÇÃO FOSSE PREÇO PARA SER HOMEM DE FATO, MUITA GENTE QUE EU CONHEÇO SÓ ANDARIA DE QUATRO..."

(2) "CASTIGO BEM ACERTADO, SE DEUS PUZESSE UM LETREIRO EM TODO HOMEM CASADO QUE SE PASSA POR SOLTEIRO".

E isso aí, dna Eny. Transcrevemos suas duas trovas, na Esperança (única virtude, da trilogia cristã, que ainda temos), de que Deus (tuão é possível, né?), ao ler o Jornal de 2ª, aceite a "sugestão" que a senhora lhe faz na sua segunda trovinha.

boutique

Bymboka

rua rio 465

fone 42833

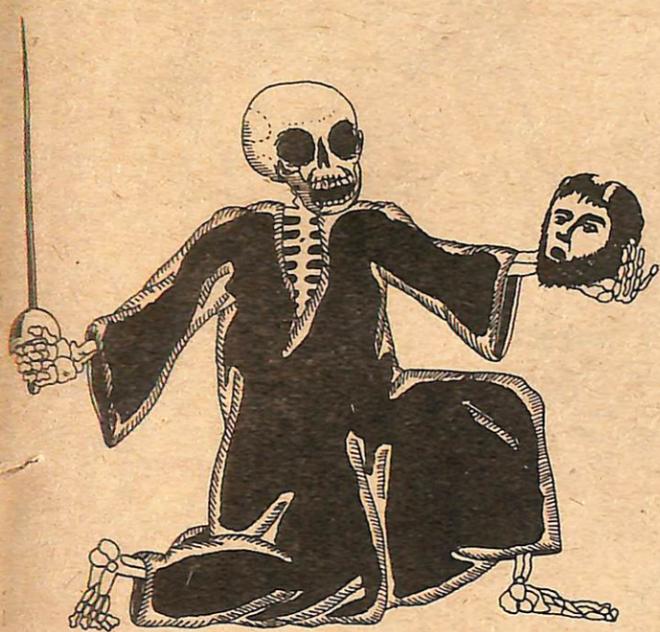
DISTRIBUIDORA KINHO

FRIOS E LATICINIOS EM GERAL
ATACADO E VAREJO

nerly aparecido rodrigues

rua marechal deodoro n.282 fone 6-7521

Assuntos gerais e arquibancadas



Você deve ter acompanhado, durante a semana passada, a movimentação provocada pela declaração feita por um "informante" de Brasília à reportagem do "Estado de São Paulo", segundo a qual se a oposição vencer as eleições de

1976 (vereadores e prefeitos), não haverá eleições em 1978 (deputados estaduais, federais, senadores e presidente).

Como não podia deixar de ser, a notícia provocou excitação entre os emedebistas e silêncio nos governistas.

Pura especulação, já que o anonimato do "informante" tirou qualquer caráter oficial da "novidade".

O que se soube oficialmente, segundo o "Estado", é que o Governo já aceita a idéia de uma reformulação dos partidos, depois de realizados os pleitos municipais.

O jornal informava, ainda, que o número ideal de partidos, segundo o Governo, seria 4, para atender a todas as tendências políticas e evitar a radicalização dos contentes-pró, descontentes-contra. O que me leva a conjecturar que a coisa ficaria assim: os pró, os mais-ou-menos-pró, os contra e os mais-ou-menos-contra.

Como o nosso povo tem rejeitado, por tradição, todos os radicalismo (nossa índole é boa), creio que o absolutamente pró e os absolutamente contra não conseguirão se impor.

BRIGA ANTIGA

A gente leva um tempinho até criar coragem de escrever um pouco mais solto, um pouco coloquialmente, um pouco mais como se fala.

E faz isso para evitar o rigor da gramática, da lexologia, que tornam os textos da gente (talvez por falta de talento) muito secos, igual os diálogos da novela "O Grito" ("Leve-me no seu carro").

Então a gente escreve **pra**, em vez de **para**. Ou **garçom**, assim mais abrigado.

Adianta? Nada! Vem a Revisão e bota acento agudo no **prá**, ou muda para **garção** (Stanislaw Ponte Preta achava que garção é garça grande).

É uma briga antiga, essa de quem escreve e quem revisa. O revisor, cheio de boas intenções, corrige porque não sabe até que ponto o **estilo** é **burrice**.

Eu acho que deveria ser respeitado o texto original, exceto, claro, erros de datilografia, uma letrelinha comida, coisas assim.

Porque se é pra corrigir mesmo, não se explica um **paralzo**, com **z**. Que eu não escrevi. E que, para tristeza minha, constava de um texto sobre o Ensino. **Escrever é um inferno!**



Acordes do ceração

O comportamento vândalo ou irresponsável de pessoas nas nossas condições de civilização (ocidental, deformada, subdesenvolvida), revela o conceito que fazemos das coisas públicas: é pública, não é de ninguém. Isso vale tanto para mictórios quanto para a administração.

Desde criança acreditava que um dia se apaixonaria por uma japonesa. Ontem, com 32 anos de idade, por causa de um botão quebrado na manga do paletó, matou a pauladas Shigeo Mikadu, seu tintureiro.

Se eu me chamasse Erazê Vidigal da Silveira Martinho teria, possivelmente, assinado aquele vibrante manifesto da TFP, publicado nos jornais de São Paulo, semanas atrás.

Atabalhoada, ou simplesmente nervosa por ser seu primeiro dia de trabalho na casa, a faxineira praticamente destruiu o LP de poesias de Fernando Pessoa, tentando retirá-lo do toca-discos. Somente um micro-sulco escapou ileso: o que fala "Se eu casasse com a filha da minha lavadeira, talvez fosse feliz".

Aos dezolto anos li Machado de Assis. O estilo fácil, a naturalidade das falas e das ações dos personagens, tudo me fez achar que ser escritor não era uma tarefa tão difícil. Com dezoito anos, servindo o exército, fui designado para trabalhar na C.O. (Casa das Ordens). Meu trabalho era anotar, na ficha de cada soldado, as punições por faltas cometidas: Fulano, três dias de pernoite, Beltrano, quinze dias de detenção e assim por diante.

No prefácio do livro "O Segundo Sexo", de Simone de Beauvoir, Jean-Paul Sartre assim se expressa, reunindo numa panela só negros, judeus e mulheres: "Nem culpados, nem inocentes. Vitimas, como todo mundo".

O PRECIOSO LÍQUIDO

Segundo a "Folha de São Paulo" (27/11), a cidade de Pirapora do Bom Jesus terá, a partir da segunda quinzena deste mês, um novo atrativo turístico: o Festival da Espuma.

Foi a solução encontrada pelo prefeito para transformar em festa a desagradável invasão de espuma, que ocorre no Tietê toda vez que a Light abre as comportas de sua represa poluída pelos esgotos da capital.

Serão convidados artistas para abri-

lhantar o Festival, bem como serão vendidas fotos coloridas do rio-espumante aos turistas.

O Festival da Espuma será a segunda grande atração turística da cidade que, até então, tem trazido gente de muitos lugares para visitar a igreja onde está a imagem de Cristo, o padroeiro de Pirapora.

O denominador comum das duas festividades é o velho Tietê: trouxe a imagem do padroeiro e agora traz espuma.

Vã filosofia

Me obrigaram a ler Platão, Aristóteles, Santo Agostinho, Santo Tomás de Aquino, Bekerley, Rousseau, Descartes, Nietzsche, Hegel, Engels, Kant, Spengler, Will Durant, Auguste Comte, Ortega y Gasset, Huxley, Sartre e outros menos votados. Até Zen.

Li alguns seriamente, outros só pra prestar exame. No entanto, nenhum deles me deu explicações para uns tantos fenômenos da vida, que continuam a me torturar, que me obrigam a perguntar "Por que? por que?" em noites de insônia, em dias de pleno sol.

Você leitor, que talvez tenha lido mais, tenha colhido da vida outras filosofias, me ajuda a entender...

... por que tem mulher que anda de "bóbi" em plena rua, algumas até chegando a ir assim, embobadas, à piscina do clube?

... por que o motorista de taxi, depois de você já ter dado o itinerário, continua perguntando, furioso, "pra onde?", em vez de diminuir o volume do rádio?

... por que, mesmo depois de você ter aberto o jornal descaradamente, o parceiro do banco do ônibus teima em contar, detalhe por detalhe, o curso de programador de IBM que está fazendo?

... por que eu insisto em explicar pro meu filho que "Mulher", de Custódio Mesquita, é mais bacana do que o "Black Sabbath"?

Por isso (ainda conjecturando) o Resultado final seria aquele redundante de uma coligação dos mais-ou-menos.

Se assim for, é mais ou menos o que eu esperava.

Já o Corinthians, sem nenhuma chance no Campeonato Nacional, pensa seriamente no título do Campeonato Paulista. Tanto que a diretoria do alvi-negro já está transando a contratação de novos valores para reforçar especialmente a defesa. E, com Milton Buzzeto ou não, o time deverá desenvolver, no ano que vem, um esquema tático um pouco mais ofensivo.

Pra frente, Coringa, que a Fiel está precisando de um título!



LAGO AZUL

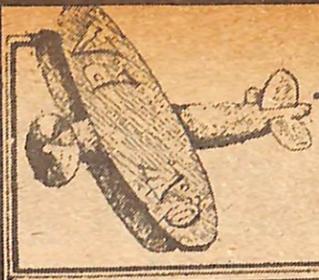
RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

Excursões ABITE TURISMO

DISNEWORLD — MIAMI — BAHAMAS
COMPRAS EM MANAUS
BAHIA DE TODOS OS ORIXÁS
BUENOS AIRES — MAR DEL PLATA
CATARATAS DO IGUAÇU

INFORMAÇÕES FONES: 6.1530 - 4.3922
R. ROSÁRIO, 585



NOEL VAI PELOS ARES

NOEL, ANTES DO NATAL

Trata-se de um "especial" da Rede Globo, farta-

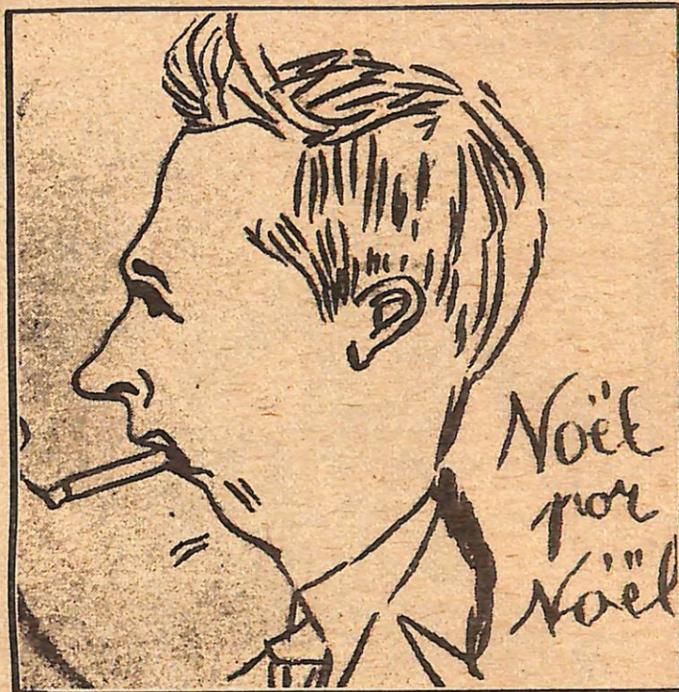
de músicas e casos ligados a Noel Rosa. mente documentado pelas mais expressivas músicas do repertório do poeta da Vila.

Dia 17, às 9 da noite, você vai poder curtir uma hora

Marília Batista, Maria Alcina, Carlos Galhardo, Araci de Almeida, Eliseth Cardoso, Maysa e Silvio Caldas estarão entre os muitos cantores que desfilarão

sucesso e músicas menos badaladas de Noel. Só que, de repente, vai aparecer Antonio Marcos. Mas, nada é perfeito, mesmo.

Esse "especial" deveria ir ao ar no dia 31, mas foi substituído por outro, com Roberto Carlos. O que, de certa forma, é bom: você pode aproveitar a noite de 31 pra ficar no quarto, ou no bar, preparando a toilette ou o pilequinho do reveillon. Que o Ano Novo comece melhor, são os meus sinceros votos. (E.M.).



VIAJE BEM

Está na praça mais um Lp de Jorge Ben, "Solta o pavão" (Philips Phonogram). Segundo a crítica inteligente (Ana Maria Bahiana, de "Opinião", principalmente) o disco é muito bom, com o incrível Jorge Ben deitando e rolando, ao ritmo do seu violão, acompanhado por bateria e baixo. Eu acho gozado que a garotada do "som" não se interesse, como deveria, por Jorge Ben. Ele é incrivelmente moderno, incrivelmente "blue", um terrível alquimista que dispensa, inclusive, os mil recursos eletrônicos que têm consagrado os ídolos do "cash box".

Com uma vantagem: suas invenções em matéria de letra são inteligíveis (duvido que a maioria dos fanzocas de música importada entenda a "mensagem" — que é, ninguém pode negar, parte do todo musical).

E sem falar do ritmo, muito mais vibrante do que o comum dos "rocks", muito mais nativo, ou selvagem, se você preferir.

Pode crer, cara, Jorge Ben é muito mais revolucionário em "som" do que as fitas "fantasmas" que você ouve. É pena que a Rádio Excelsior não ensine isso a você. (E.M.).

TEATRO DO BOM

"Muro de Arrimo", de Carlos Queiroz Telles, está fazendo um tremendo (e merecido) sucesso no Teatro Aliança Francesa (Rua General Jardim, 182, na Capital).

É a história de um pedreiro que todas as noites constrói um muro para uma caixa-d'água, num trabalho de Sísifo, que jamais termina.

A história foi inspirada por uma notícia de jornal de 28 de julho de 1974, que contava como o pedreiro José Ribeiro, 35 anos, morador em Guarulhos, tuberculoso, morreu embriagado numa bandeira brasileira, manchada de sangue, de desgosto pelo fato da nossa seleção de futebol ter sido desclassificada na Copa do Mundo.

A peça tem um único personagem (Antônio Fagundes), o Lucas que, às vésperas de um jogo decisivo, se sente "perdido de repente numa profunda confusão de conceitos de pátria, povo, governo e gol".

Terça a sexta-feira, às 21 horas, sábado às 20 e 22 horas, domingos às 18 e 21 horas são os dias e horários de "Muro de Arrimo". (E.M.).

ISTO VALEU A PENA

Na sexta-feira, dia 29, sem mais essa, o Canal 2, TV Cultura, apresentou "Isto ou Aquilo", um balé espetacular, com Maria Helena Ansaldi.

Durante uma hora a vete-

rana ballarina deu o maior show de expressão corporal, num trabalho de incrível técnica, profundo, sério.

Maria Helena Ansaldi nasce, cresce, vive, morre e renasce na descoberta de que a Liberdade é o seu

corpo. Mas se pergunta: "Até quando?"

Um trabalho de fôlego (ipsis literis) que só quem viu pode entender.

Que tal escrever pra Tv 2 pedindo bis?



HORÓSCOPO

Aries (21/3 a 20/4)

Os poços de petróleo que estavam, desde 1967, nas mãos dos israelenses, foram devolvidos aos árabes. Sorria, a felicidade está de volta.

Touro (21/4 a 20/5)

Está mais do que certo de que o Banco Central financiará projeto da agro-

indústria canavieira. Sorria, a felicidade está de volta.

Gêmeos (21/5 a 20/6)

As empresas que estiverem interessadas na prospecção do petróleo, através de contratos de risco, deverão depositar dinheiro (e muito) antecipadamente. Sorria, a felicidade está de volta.

Câncer (21/6 a 21/7)

Os depósitos na Caixa Econômica Estadual (a nossa

Caixa) atingiram 10 trilhões (antigos) de cruzeiros. Sorria, a felicidade está de volta.

Leão (22/7 a 22/8)

Apesar da frieza inicial, tudo correu bem durante a viagem do Presidente Ford à China. Sorria, a felicidade está de volta.

Sagitário (22/11 a 21/12)

Charles Bronson tem pro-

posta para novo filme. Valor do Cachê: 1 milhão de dólares. Boas perspectivas para você.

Capricórnio (22/12 a 20/1)

Emerson Fittipaldi correrá, mesmo, pela Copersucar. Sorria, a felicidade está de volta.

Aquário (21/1 a 19/2)

Leve quem não sabe ler ao

Mobral. Felicidade se escreve f, e, l, i, c, i, d, a, d, e, conforme se pronuncia.

Peixes (20/2 a 20/3)

A Espanha já tem seu Rei. Esqueça a dor, sorria.

Virgem (23/8 a 22/9)

Os baixos da Avenida Jundiá continuam sendo perfurados, para a passagem do

Córrego do Mato. Grandes chances para você.

Balança (23/9 a 22/10)

Kissinger e a esposa entraram em acordo: ela continua fumando à vontade, ele continua gastrônomo. Tudo pode melhorar para você.

Escorpião (23/10 a 21/11)

Jundiá terá o maior orçamento de sua história, em 1976. A felicidade sorri para você.

Profª Zuleika

67⁸ 75
ANOS

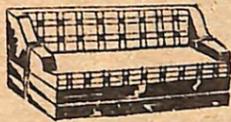


CONSTRUTORA
JUNDIAI LTDA.

r. Siqueira de Moraes n 578
8 andar - conjunto 801 - C

TAPEÇARIA
BRASIL

ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n: 224
FONE: 6-5977

FINALMENTE, A SUA
GRANDE CHANCE DE
ADQUIRIR UM VOLKS
1800 "0 KM" POR
Cr\$ 495,00 MENSAIS!

Pagamento em 60 meses.

Lances e sorteios todo
mes. Comercial Liberato
faz a entrega. W. Mazzula
vende. Já aberto o
3º Grupo. Rua Senador
Fonseca, 909 - Fone: 4.2642

PATINHA'S BAR

O PONTO IDEAL E SAUDÁVEL
DOS BONS AMIGOS



Torres Neves, 308
JUNDIAI

A SENZALA

Rua Barão de Jundiá, 932
Fone: 4-0697

DOCES CASEIROS

ENCOMENDAS PARA O
NATAL E ANO NOVO

PIZZA
KIBES
LANCHES
DOCES SÍRIOS

aberto até às 4:00 hrs.
da manhã

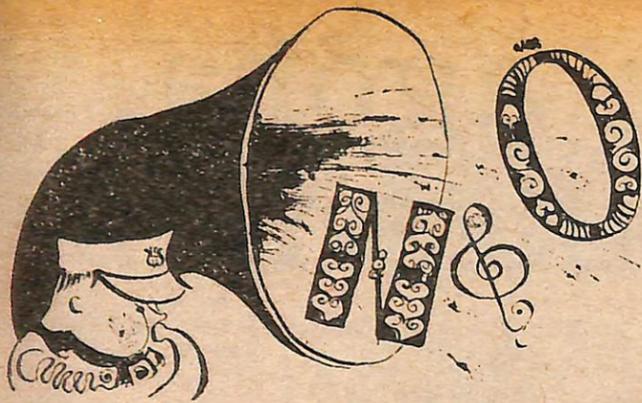
Pratos Árabes

rosário 239 - 4-2669

K **IBE**
ADI

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RAPIDOS E SEGUROS

HIDROTECNICA
projetos e execuções
rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)



AH! SE EU PUDESSE ENTRAR NESSA

Está se implantando aqui pertinho da cidade (km 65,5 da Anhanguera) um projeto de urbanismo que tem tudo pra emplacar: áreas verdes à vontade (os lotes são de 5.000 m2 pra mais), água, luz, rede telefônica, ruas com guias e sarjetas, etc. etc. Dizem que é um negócio mais pra empresários, executivos e profissionais liberais, mas tem muito mais gente que também se sentiria bem lá. Botaram o nome de **Morada Mediterrânea** e convocaram tres caras ótimos de Jundiá pra cuidar do tratamento paisagístico: o arquiteto Ary de Souza Ribeiro e seus sócios Carlos Augusto Medina Sperry César e Antonio Lopes de Oliveira Neto. Eles já estão trabalhando na primeira gleba, que vai servir como vitrina do empreendimento e depois pra moradia da proprietária da Romito Agro-Pastoril Ltda. Tai, os santos da casa estão fazendo algum milagre. (C.F.P.)

PANORAMA VISTO DA PONTE



O ator de cinema Omar Shariff, que esteve no Rio participando de um torneio de bridge, seu passatempo favorito quando não está filmando, declarou aos repórteres:

"Ele me permite levar uma vida normal".

Severino Farias, sergipano, 23 anos, 54 quilos, atualmente trabalhando na Rodovia dos Imigrantes, perguntado a respeito não disse nem sim, nem não. (E.M.)

CINE-CLUBE: QUE TARDE, MAS NÃO FALHE



Jundiá ia ter um Cine Clube (mais um): furou.

A causa: o grupo (ou "grupo"?), cansou de contatar os exibidores locais, para conseguir os filmes de arte que desejariam ver exibidos.

Cópias estão ruins, é mau negócio começar com películas estragadas e outros papos, foram os argumentos dos exibidores. Mas tinham uma proposta: que a moçada do Cine Clube entrasse no circuito do Cinema I (um cine-clube meio para o comercial).

Resultado: o Cine Clube entrou em compasso de espera.

Aqui vai o meu palpite, pro pessoalzinho do Cine Clube: entrar no Cinema I é barca furada. O melhor é continuar batalhando.

Meu recado para os exibidores: vê se colaboram, pinhões! Jundiá precisa de um Cine Clube. Qualé, só faturar, faturar? (E.M.).

AMIGO SECRETO

Por uma (outra?) falha técnica imperdoável, deixou de constar do expediente do **Jornal de 2ª**, nº 22, o nome do ilustrador Décio Denardi, que já vinha colaborando conosco, desde as tiras de "Gil, a formiga", até alguns cartuns (um muito bom, sobre poluição).

As colaborações do Bartimeu, do Sandro Vaia, a maioria dos N&O e O que vai pelos ares, além do conto de Sérgio Ney, tudo foi obra e arte de Décio Denardi, que vai continuar ilustrando, publicamos ou não o nome dele (mas a gente publica).

CARNAVAL OFICIAL

Por que essas ruas vazias, por que madrugadas silenciosas, por que o sono profundo? pra amanhã servir melhor o patrão?

Cadê o canto do povo, seus bêbados a viver a vida no único momento que pode ser deles?

Onde, o batuque a ressonar na alvorada de fim de madrugada?

Roupa suja de pobre se lava na rua. E em todos os dias; não só nos quatro dias permitidos.

Lavar em casa é pra quem tem lavadeira.

De onde sairão os blocos? Dos gabinetes dos engravadados?

O carnaval financiado pelo Poder Público vai acabar no sem-gracismo dos carros alegóricos e de cabeções modelo Nice ou de um desses 'on parade'?

Os "dormem-cedo" irão impor seu humor grosso de fossa contida, que se extravasa frente à platéia que não os nota, sentindo-se inseridos no contexto?

O povão vai ter mais uma vez o divertimento de andar perdido por calçadas cheias, um filho menor no colo, reco-reco na mão, e o mais velho, de lado, de terinho e cabelo pastinha. E a mulher, cara de ampola, logo atrás, procurando uma brecha na muralha humana voltada para a rua quase deserta, por onde circulam apenas afoitos donos de festa, bajuladores de prefeitos e melicianos aos pares mantendo a ordem. Um bloco já passou e o próximo está lá, a quatro quadras, parado, como esperando uma ordem — não se sabe de quem — para iniciar o desfile, desorganização tipo rosca espanada. E, passa o tempo e nada. O filho do colo principia a choramingar, a mulher lembra que é tarde, dois ou três palavrões e a família de folhões volta para casa sem mesmo sentir que está frustrada.

Por que essas ruas vazias?

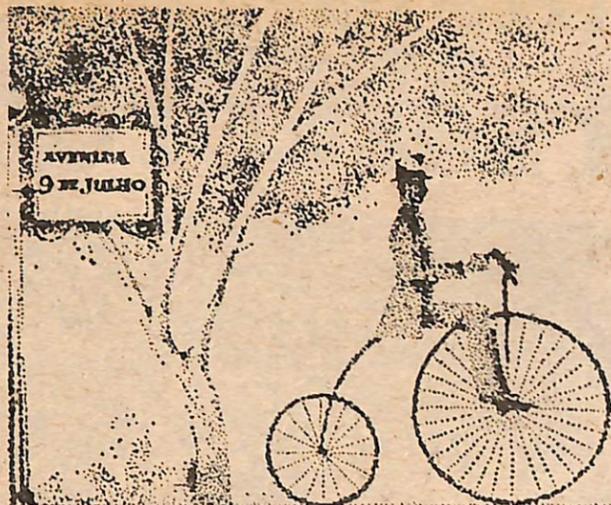
Por que as madrugadas silenciosas?

Por que a ausência do batuque?

Por que a falta de um canto?

WOLF HERBERT NOS-SAK

A CURA DA IMPOTÊNCIA AO ALCANCE DE TODOS



Bomba! Bomba! De fonte fidedigna, soube que deverá ser apresentada numa das próximas reuniões da Comutran, pelo conselheiro José Leme do Prado Filho, uma proposta no sentido de se reservar uma das pistas da Avenida Côrrego do Mato exclusivamente ao tráfego de bicicletas.

Um memorial subscrito por cerca de duzentos interessados teria sido enviado àquele conselheiro, pedindo-lhe que propusesse a adoção da medida com o fito de incentivar-se a prática do ciclismo nesta cidade, considerando-se que outros locais, pela topografia acidentada e intenso movimento de veículos motorizados, não oferecem as mesmas condições daquela avenida para esse salutar entretenimento.

Em favor da pretensão dos ciclistas deverá ser argumentado, ainda, o alto índice de cura da prostatite que se alcançou com experiências do gênero em muitos países, devolvendo o prazer máximo da vida a milhares de indivíduos antes afetados pela impotência sexual.

Não se sabe ainda sob que pretexto, também os motoqueiros de Jundiá tencionam dirigir à Comutran um pedido para que se lhes reserve a outra pista da mesma avenida. (C.F.P.)

DIVULGANDO A BOA MÚSICA

Em diferentes salões da cidade, vem acontecendo desde 29 de novembro as apresentações dos alunos de música das professoras Ana Maria de Santa Eulália Guedes, Josette S. M. Feres, Maria da Glória Gaia de Camargo, Marilene Akiko Mihaguti, Nair Effenberg Guelli e Suely de Queiroz.

Essa programação foi aberta com uma audição no Colégio Estadual "Profa. Ana Pinto Duarte Paes", seguindo-se, no dia 2 deste mês, outra no auditório da Rua Prudente de Moraes, 1297. Dia 5, no Grêmio, os aprendizes mostraram sua performance em violão e flauta-doce.

E, para finalizar, o programa assinala a apresentação do Coral Infantil "Abelhinhas do Senhor", neste domingo, no Educandário N.S. do Desterro. Fotos, na próxima semana. (C.F.P.)

DE SUPÉRFLUO A ESSENCIAL



Depois de tres anos de dura provação, as escolas de samba e blocos carnavalescos da cidade parece que terão, finalmente, o apoio da Prefeitura para fazer sua folia pelas ruas da cidade em 76. Conforme se depreende do noticiário lido nos últimos dias, o prefeito resolveu quebrar aquela promessa que, logo no início de seu mandato, deixou-o antipatizado com os adoradores do Rei Momo — ou seja, que dinheiro público algum seria dado para o patrocínio de coisa supérflua.

Numa reunião com a recém-composta Comissão Municipal de Turismo, Ibis disse que a Prefeitura poderia dispor de até Cr\$ 400 mil para a promoção do carnaval do ano político de 1976. E, segundo notícia divulgada no dia posterior, "isto suplantou as expectativas da Comissão, que, em estudos preliminares, chegou à conclusão que precisaria de cerca de Cr\$ 300 mil" (JJ, 3/12).

O povo, na certa, vai bater palmas. Quanto aos votos... (C.F.P.)

NOSSA CEGONHA TROUXE OUTRO

O Ex, Movimento, Pasquim, Opinião, Clarim, Domingão, Jornal de 2ª, acabam de ganhar um novo irmãozinho. O caçula da imprensa nanica (sem trocadilho) se chama **Versus** e sairá bimestralmente. O número que já está nas bancas tem 54 páginas e custa Cr\$ 10,00. O pessoal que figura no expediente e assina as matérias é dos melhores. **Versus** é um pouco diferente, pois fala não só do Brasil, como retrata o povo latino-americano. Pena que não veio ainda para as bancas de Jundiá. (D.V.).

TORRESMO COM MELADININA



Sequiosos jovens da cidade em adquirir o cobijado tom de bronze na pele o mais rapidamente possível, recorreram ao uso de Meladinina com óleo Johnson. Acontece que, por abuso ou efeito demasiado, muitos deles acabaram no Pronto Socorro Municipal com extensas queimaduras, alguns casos até de 2º grau. A recomendação é deixar o sol bronzear naturalmente ou então correr o risco de se transformar num leitãozinho pururuca. (Pepe).

MUNDO CÃO

Venceria às 16 horas da quinta-feira, 6 de novembro, o prazo para 32 municípios de Várzea Paulista reclamarem a devolução de seus cães, que haviam sido apanhados pela rede. Entretanto, às sete horas da manhã desse dia, todos os cães já tinham sido mortos, estripados, um a um, com um pedaço de cano.

Este fato, que deixou a população de Várzea bastante revoltada, foi denunciado pelo vereador Antenor Fonseca, na sessão da Câmara Municipal daquela mesma semana, com um pedido que o delegado de polícia Skandar Mussi determinasse a abertura de inquérito com vistas à punição do responsável. Não tendo ressonância o seu apelo à autoridade policial, o vereador Antenor Fonseca apresentou na sessão da quinta-feira, dia 28 de novembro, um requerimento ao prefeito Aprilanti, no sentido de que este demita o funcionário autor da chacina. Ao que afirmou o vereador, o móvel da matança teria sido uma aposta, tendo o matador lucrado Cr\$ 5,00 para levar a termo tal façanha. "O que esse funcionário fez com os cães, é capaz de fazer com uma pessoa humana, e se ele tivesse feito isso com o meu cão, eu faria o mesmo com ele", disse Antenor, da tribuna.

ESTE, O ÚNICO JORNAL
QUE DIMINUIU O PREÇO

PREÇO ANTIGO

PREÇO DESTE EXEMPLAR

CR. \$ 2,00

PREÇO ATUAL : CR. \$ 2,00

Ginásio Industrial: agora, 3 cursos profissionalizantes

Ainda com a denominação de Ginásio Industrial "Dr. Antenor Soares Gandra", esta escola teve implantado o ensino de 2º grau no ano passado. Para o ano que vem, as vagas serão determinadas pela demanda da 8ª série, conforme as opções feitas nas fichas de inscrição, devendo o estabelecimento funcionar como um centro interescolar de 1º e 2º graus.

Os cursos profissionalizantes, já instalados, são os de Técnico em Mecânica e Técnico em Alimentos, com a implantação do curso de Desenhista Mecânico para o próximo ano, e o de Técnico em Nutrição em outra ocasião, pois depende de material importado para funcionar.

O Técnico em Mecânica é o elemento de ligação entre o engenheiro e os operários de produção ou manutenção. Ele orienta a execução de peças, máquinas, conjuntos ou objetos de metal, utilizando todos os recursos tecnológicos que estiverem em seu alcance.

Além disso, o técnico interpreta desenhos e outras informações indispensáveis à execução do trabalho; faz cálculos de oficina, seleciona o material, as ferramentas e as máquinas a serem usadas; verifica as peças com instrumentos de medição e todas as outras operações que forem necessárias.



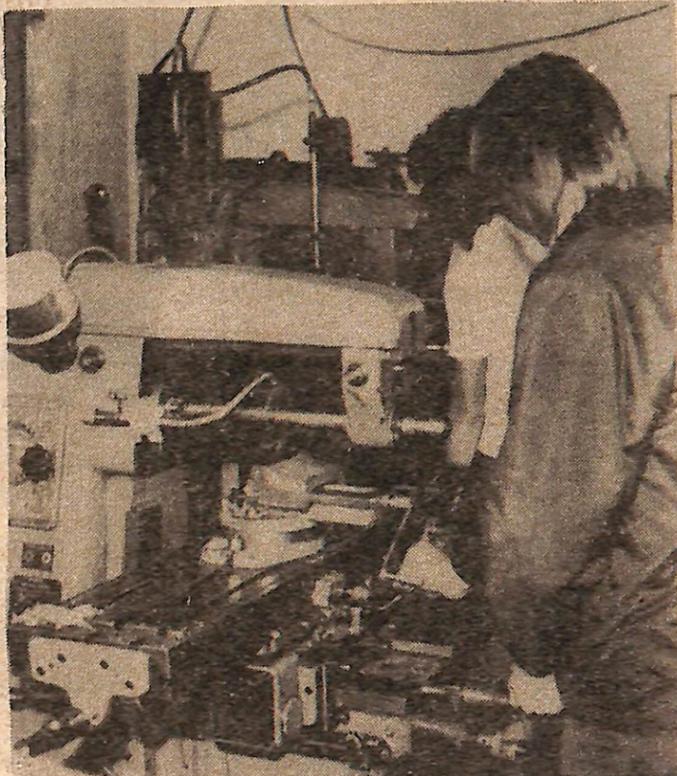
Durante as aulas, experiências

Entre as matérias da formação especial estão Desenho Mecânico, Eletrotécnica, Ferramentas e Dispositivos, Ensaio Tecnológicos dos Materiais, Metrologia, Produção Mecânica.

Ao concluir o 3º ano, o aluno recebe o certificado de 2º grau e o diploma de Auxiliar Técnico em Mecânica, recebendo depois do estágio profissional, o diploma de Técnico. Após isso, pode

trabalhar em todos os ramos da indústria.

O curso de Técnico em Alimentos forma profissionais que atuam na área de produtos alimentícios, sendo a ligação entre o técnico de nível superior e os operários. Ele orienta e acompanha o processo de industrialização e a linha de fabricação dos alimentos, desde o recebimento da matéria até as últimas operações.



Na oficina, o treino ao trabalho

Também é de sua competência preocupar-se com o transporte e conservação dos produtos e do material recebido para sua elaboração. Com seus conhecimentos, tem capacidade de estudar as propriedades nutritivas dos alimentos e a melhor maneira de conservá-lo no processo de industrialização. Além de poder trabalhar em indústrias alimentícias, presta serviço em instituições científicas e de pesquisa.

Para adquirir as condições necessárias em seu trabalho, o Técnico em Alimentos estuda Microbiologia, Bioquímica, Técnicas Gerais de Conservação, Processamento Industrial, Nutrição e Dietética, Higiene, Bromatologia, Química Aplicada e Programa de Saúde, entre as outras matérias técnicas e de formação tradicional de 2º grau. O recebimento do certificado de 2º grau e o diploma específico se processa como no curso de

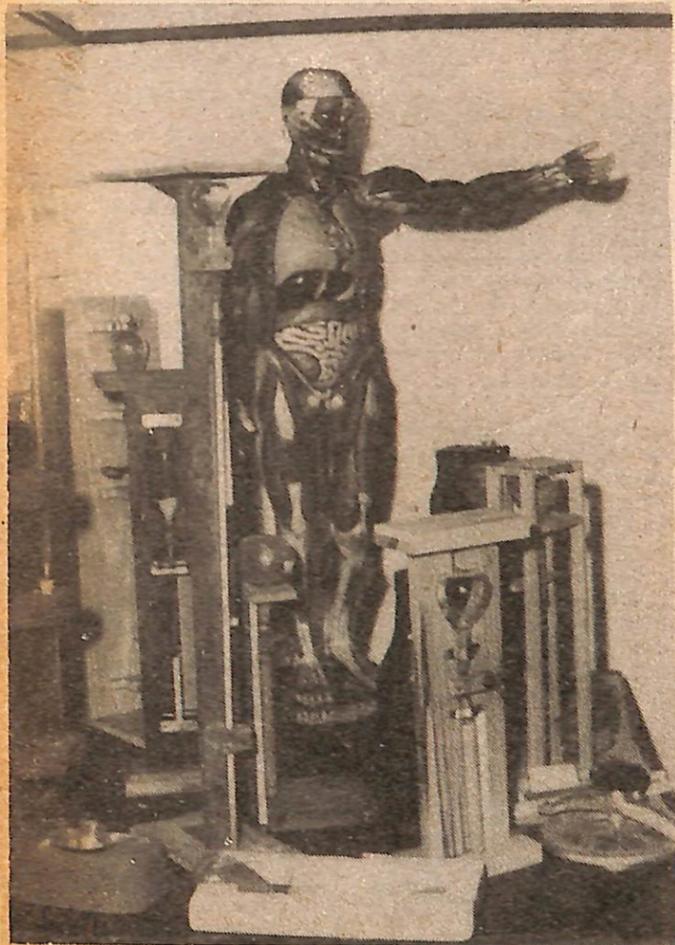
Técnico em Mecânica e os demais.

O curso que vai começar no ano que vem é o Desenhista Mecânico, que é o técnico responsável por planos e desenhos técnicos para a fabricação de máquinas, motores, peças e instrumentos mecanizados. Também executa croquis, gráficos, diagramas e tabelas. Faz parte de suas funções verificar as dimensões das partes do desenho projetado, os materiais usados e todo o conjunto, além, de inovações e reajustamentos.

O desenhista estuda Desenho Técnico, Desenho Linear Geométrico, Tecnologia, Geometria Descritiva, Mecânica Aplicada, Elementos de Máquinas, Resistência dos Materiais, Eletrotécnica, Projetos de Máquinas, Ferramentas e Dispositivos, Organização e Normas do Trabalho e outras matérias necessárias.

O curso de Técnico em Nutrição e Dietética, por necessitar de equipamento importado, e apesar de ter sido solicitado juntamente com o de Desenhista Mecânico, não vai ser possível sua instalação no momento. Segundo o diretor da escola, Aldo Murari, a implantação será feita realmente, bastando apenas a dotação de recursos para isso, o que não poderá ser feito para o ano que vem.

No Colégio São Vicente, a formação de mais técnicos



No Laboratório, o completo equipamento

Com cerca de 800 alunos em todos os níveis de educação — desde o pré-primário até o 2º grau, o Colégio São Vicente de Paulo é mais um dos estabelecimentos profissionalizantes da cidade. Funcionando nos três períodos, é mantido pela Associação Beneficente das Irmãs de São Vicente de Paulo de Gysegem, e tem na direção o professor Brasil Campos Junior.

No setor profissionalizante, a escola forma Técnico de Laboratório Médico, Magistério para o 1º Grau, Desenho de Arquitetura e Técnico em Decoração. Desde a implantação desses cursos, houve a preocupação em dotar o colégio de toda a infraestrutura

material para um perfeito funcionamento.

Responsável pela manipulação, controle e observação de equipamentos de análises médicas ou industriais, o Técnico de Laboratório pode trabalhar em todos os setores que necessitam desse serviço. Laboratório de Análises Clínicas, de Faculdades e Farmacêuticos, Bancos de Sangue e farmácias se constituem nos maiores absorventes desse técnico.

A formação especial a nível de 2º grau é dada através de matérias específicas, como Saúde Pública, Bioquímica, Biotécnicas, Técnicas Médicas, Patologia, Parasitologia e Microbiologia, entre outras.

Ministrando aulas de Psicologia Educacional, Didática e Prática de Ensino, Filosofia da Educação, Sociologia Educacional e as demais dentro do setor, a escola habilita para o magistério de 1º Grau. O mercado de trabalho é bastante amplo tanto em estabelecimentos oficiais como particulares.

O curso de Desenho de Arquitetura prepara o técnico capacitado em fazer desenhos e planos definidos a partir de esboços, esquemas e projetos. Para isso, o aluno estuda Desenho Artístico, História da Arte, Desenho Arquitetônico, Resistência e Estabilidade, Física Aplicada, etc. Depois de formado, pode trabalhar em indústrias, firmas empreiteiras, construtoras, escritórios de engenharia e

outras empresas do ramo.

Com possibilidade de exercer a profissão como autônomo, o Técnico em Decoração projeta e executa a disposição de móveis, enfeites, em todos os ambientes. Ele estuda, para isso, História da Arte, Projetos de Decoração, Desenho Artístico, Materiais e Revestimentos, Desenho de Móveis. O mercado de trabalho se estende desde grandes lojas até fábricas de móveis imobiliárias e escolas.

Para ingressar em qualquer dos cursos do Colégio São Vicente, basta apresentar um documento que comprove a conclusão do 1º grau. A escola não fará exame de seleção e as matrículas estarão abertas a partir do dia 15 deste mês.